

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

EUCLIDES ROCHA CAVALCANTE NETO

Itinerários desejantes: cartografando dissidências no Recife-PE

Maceió - AL

2022

EUCLIDES ROCHA CAVALCANTE NETO

Itinerários desejantes: cartografando dissidências no Recife-PE

Trabalho final de graduação apresentado ao curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, Campus A.C. Simões, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Flavia de Sousa Araújo

Maceió - AL

2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

- C377i Cavalcante Neto, Euclides Rocha.
Itinerários desejantes: cartografando dissidências no Recife-PE /
Euclides Rocha Cavalcante Neto. – 2022.
72 f. : il. color.
- Orientadora: Flávia de Sousa Araújo.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e
Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo. Maceió, 2022.
- Bibliografia: f. 63-72.
1. Espaços urbanos. 2. Corpos dissidentes. 3. Homoafetividade. 4.
Cartografia - Recife (PE). I. Título.

CDU: 711.28: 528.9 (813.4)

AGRADECIMENTOS

Queria agradecer primeiramente a meu pai Josué que me inspira a ser um homem melhor e ao qual busco ter ao menos uma fração de sua bondade. À minha mãe Magali por sempre me aconselhar e ser companheira de longas conversas, ao qual muitas das decisões que eu nem imaginava que podia tomar teve participação sua. Ambos fizeram de tudo e não mediram esforços para eu poder chegar onde cheguei. À minha irmã Luiza pelas brincadeiras e convivência que sinto falta todos os dias. Meus irmãos João e Jeyzon que sempre, mesmo de longe, torceram por mim. Ao restante da minha família, tias(os), primos(as), também agradeço por todo carinho e lamento não ter sido o arquiteto da família que vai fazer o projeto de todo mundo.

Ao meu amor Celso, que em um improvável destino apareceu na minha vida de novo e desde então tem sido a pessoa que mais me apoia e que me é abrigo. Você me ajuda muito mais do que você pode imaginar lindinho, despertando sempre o melhor de mim. Sem você tudo seria mais difícil e que sorte eu tenho de poder compartilhar, celebrar a vida contigo e de te ter ao meu lado.

Ao PET Arquitetura e às pessoas que fizeram parte dele junto comigo, que sempre me ensinaram e ao qual tenho um carinho enorme. Em especial as minhas madrinhas Mayara e Val, que me acolheram e cujos conselhos peço até hoje (e vou continuar pedindo). Alê, Alvinho, Day, Maya, Júlia, Danda, Rodrigo, Amanda, Leo, Ítalo, João, Laís, Adrielly, Mirella, Alexia, Mari, Everton, Duda, Lau, Anne, Adna, Lucas, Emanuel, Giselli, Kayo e Alysson, tenham certeza que guardo na memória e no coração muitos momentos especiais que vivemos juntos. À Gigi e Hidaka, duas tutoras que estiveram comigo em fases distintas da minha graduação e ao qual pude aprender o que significa zelo e amor aos outros e à profissão. Vocês nunca deixaram de acreditar em mim e sempre me impulsionaram a seguir em frente.

Às(Aos) docentes da FAU por contribuírem com minha formação, pelas críticas e elogios. À Suzann que abriu as portas do universo da pesquisa para mim logo no primeiro período, uma pessoa que desde a primeira aula eu admirei e que tive o prazer de conviver de perto. À Manu que me fez ver mais do que ninguém a arquitetura com outro olhar e por todas as experiências vividas que você sem pensar duas vezes topou fazer.

Às minhas amigas e amigos da graduação, as Rolezeiras Camila, Bruna, Sarah, Fran, Luhan e Ju, pelos melhores rolês e por terem facilitado demais a minha adaptação à nova cidade. Rudá e Vanessa que também fizeram parte desse grupo e ao qual pudemos continuar e estreitar a amizade no PET e após ele, no que não posso deixar de lembrar também de Dona Marilda,

um amor de pessoa ao qual agradeço o carinho e a generosidade que ela e Vanessa tiveram e tem por mim. Rudá, junto com Mathe e Mari, foram as pessoas que mais tiveram que aguentar e compartilhar os estresses da graduação comigo. Rudá, obrigado pelos abraços, pelas pedaladas e pelas conversas. Mathe, obrigado pela presença que sempre me deixava mais feliz. Mari, obrigado pela sensibilidade e carinho. Obrigado por todas as alegrias, palavras de incentivo e apoio que eu ouvia sempre de vocês. Vocês foram uma luz que nunca me deixou ficar no escuro.

À Ufal e à Maceió, por ter me dado a oportunidade de conhecer todas essas pessoas, de aprender e de me formar enquanto sujeito crítico e cidadão. Fui muito bem recebido na cidade que ficará para sempre na minha história.

À Anne, minha psicóloga, que tem me ajudado a perceber que eu não sou só meus estudos e o quão estar bem consigo mesmo muda tudo o que fazemos e como fazemos.

Às pessoas da linha Corpos, Cidades e Territorialidades Dissidentes, do NuCuS/UFBA, que tanto me estimularam a pensar mais criticamente e que foram a porta de entrada para a temática que trago neste trabalho e ao qual pretendo seguir adiante.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à minha orientadora Flavia pelos apontamentos, contribuições, por extrair de mim o que eu acho que menos tenho (criatividade) e pelo carinho nesse processo que é tão conflitante para nós estudantes. À minha banca Rose, Hidaka e Julieta, minha gratidão também pelas contribuições e pelo tempo dedicado, que é a coisa que mais valorizo na vida. À professora Diana também que contribuiu muito para a construção desse trabalho, do plano de trabalho até o plano intermediário.

De antemão tenho certeza que caberia elencar muito mais pessoas que contribuíram, direta e indiretamente, nesse processo. Fica aqui registrada minha gratidão.

O desejo tem algo de divino, ao contrário: é infinito, pois entre o que se propõe e o que alcança há um abismo (CARELLA, 2011, p. 80).

RESUMO

As dinâmicas socioespaciais nas cidades brasileiras apresentam demonstrações que são pautadas pela lógica capitalista estruturada no cisheteropatriarcado, e o Recife também não escapa das expressões desses fenômenos. Para se pensar a construção de espaços urbanos que respeitem a lógica da multiplicidade e que, portanto, sejam legitimados pela comunidade LGBTQIA+, proponho neste Trabalho Final de Graduação o exercício de apreensão da cidade a partir das narrativas de corpos dissidentes. Os discursos contra-hegemônicos gerados por esses corpos tensionam os discursos oficiais, estes últimos produtores da “cidade oficial”. O objetivo é discutir, a partir da tríade corpo, memória e desejo, as possibilidades de apreensão da produção das espacialidades urbanas dissidentes da cidade do Recife. Para isso, concomitante às minhas apreensões da cidade, são trabalhadas também literaturas homoeróticas que têm como cenário alguns bairros do Recife, que dão sentido à cartografia dos desejos homoafetivos aqui produzida. Paradoxalmente, a marginalidade ao qual muito desses espaços são relegados aqui são colocados em evidência e valorizados enquanto lugares de pertencimento e como parte da memória da cidade. Os corpos em trânsito e o desejo, formadores de espacialidades, completam o itinerário e deixam suas marcas na paisagem. Por fim, apesar dos avanços no discurso oficial, em torno de políticas que garantam cidadania para a população LGBTQIA+ no Recife, ainda há lacunas no que se refere à legitimidade e apropriação dos espaços públicos por essa comunidade. A produção cartográfica indica alguns dos lugares no imaginário da cidade, sendo um importante recurso de reconhecimento de subjetividades para não insistirmos na reprodução da norma hegemônica vigente.

Palavras-chave: Cartografia; Corpo; Memória; Desejo; LGBT.

ABSTRACT

Socio-spatial dynamics in Brazilian cities present demonstrations that are guided by the capitalist logic structured in the cisheteropatriarchy and Recife also does not escape from the expressions of these phenomena. In order to think about the construction of urban spaces that respect the logic of multiplicity and that are legitimated by the LGBT+ community, I propose in this Final Paper the exercise of apprehending the city from the narratives of dissident bodies. The counter-hegemonic discourses generated by these bodies tension the official discourses, the producers of the "official city". The goal is to discuss, from the triad body, memory and desire, the possibilities of apprehension of the production of dissident urban spatialities in the city of Recife. To do this, I use my apprehensions of the city, combined with homoerotic literatures that have some of Recife's neighborhood as their setting, which gives meaning to the cartography of homoaffective desires produced here in the city. Paradoxically, the marginality to which many of these spaces are relegated here are highlighted and valued as places of belonging and as part of the city's memory. The bodies in transit and desire, formers of spatialities, complete the itinerary and leave their marks on the scenery. Finally, despite the advances in the official discourse around policies that guarantee citizenship for the LGBT+ population in Recife, there are still gaps regarding the legitimacy and appropriation of public spaces by this community. Cartographic production indicates some of the places in the city's imaginary, being an important resource in the recognition of subjectivities so that we do not insist on the reproduction of the prevailing hegemonic norm.

Keywords: Cartography; Bodies; Memory; Desire; LGBT.

RESUMÉN

Las dinámicas socioespaciales en las ciudades brasileñas tienen demostraciones de que están guiadas por la lógica capitalista estructurada en el cisheteropatriarcado y Recife tampoco escapa a las expresiones de estos fenómenos. Para pensar en la construcción de espacios urbanos que respeten la lógica de la multiplicidad y que, por tanto, sean legitimados por la comunidad LGBTQ+, propongo en este Trabajo de Conclusión de Curso el ejercicio de aprehensión de la ciudad desde las narrativas de los cuerpos disidentes. Los discursos contrahegemónicos generados por estos organismos tensionan los discursos oficiales, estos últimos productores de la "ciudad oficial". El objetivo es discutir, a partir de la tríada cuerpo, memoria y deseo, las posibilidades de aprehensión de la producción de espacialidades urbanas disidentes de la ciudad de Recife. Para esto, junto a mis aprehensiones de la ciudad, se trabajan también las literaturas homoeróticas que tienen a algunos barrios de Recife como escenario, que dan sentido a la cartografía de los deseos homoafectivos. Paradójicamente, la marginalidad a la que quedan relegados muchos de estos espacios aquí se destaca y valora como lugares de pertenencia y como parte de la memoria de la ciudad. Los cuerpos en tránsito y el deseo, formadores de espacialidades, completan el itinerario y dejan sus huellas en el paisaje. Por último, a pesar de los avances en el discurso oficial en torno a las políticas que garantizan la ciudadanía para la población LGBTQ+ en Recife, aún existen vacíos en cuanto a la legitimidad y apropiación de los espacios públicos por parte de esta comunidad. La producción cartográfica señala algunos de estos lugares en el imaginario de la ciudad, siendo un recurso importante de reconocimiento de subjetividades para no insistir en la reproducción de la norma hegemónica actual.

Palabras clave: Cartografía; Cuerpo; Memoria; Deseo; LGBTQ+.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Legenda da Cartografia dos desejos homoafetivos do Recife-PE | 18 |
| Figura 2 - Edições 1, 2, 3 e 4 do Guia Gay Recife (2013-2016) | 29 |
| Figura 3 - Espacialização dos locais do Guia GLS Pernambuco, com destaque para o recorte dos bairros deste estudo | 30 |
| Figura 4 - Coluna de Cristal no Parque das Esculturas e detalhe das edificações verticais ao fundo | 35 |
| Figura 5 - Lolita | 37 |
| Figura 6 - Diagrama da produção do espaço urbano e suas relações com as sexualidades | 38 |
| Figura 7 - Peça metálica que nomeia o Beco do Veado Branco no Recife | 42 |
| Figura 8 - Meu Kaso Bar (MKB) | 49 |
| Figura 9 - Carnaval do Recife no sábado do Galo da Madrugada | 51 |
| Figura 10 - Show de Johnny Hooker no RecBeat (2018) | 51 |
| Figura 11 - Rua da Imperatriz na década de 1950 | 54 |
| Figura 12 - Ponte Buarque de Macedo na década de 1960 | 55 |
| Figura 13 - Praça Dezesete (à direita) na década de 1950 | 56 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| BRECHAS | 11 |
| Primeira brecha: introdução | 11 |
| Segunda brecha: caminhos metodológicos | 15 |
| Terceira brecha: desvelando o Recife | 19 |
| FRESTAS | 23 |
| Primeira fresta: Recife e seus discursos | 23 |
| Segunda fresta: corpo e cidade | 32 |
| Terceira fresta: memórias dissidentes no Recife | 39 |
| Quarta fresta: (ar)recife de desejos | 44 |
| Quinta fresta: cartografia dos desejos homoafetivos recifenses | 56 |
| FISSURAS | 60 |
| REFERÊNCIAS | 63 |

BRECHAS

Primeira brecha: introdução

Neste trabalho pretendo discutir as inter-relações estabelecidas entre a tríade corpo, desejo e memória. O interesse maior recai sobre os modos como podemos ler essas categorias no espaço urbano e refletir como as forças políticas (cis-hetero)normativas atravessam as dissidências sexuais, no contexto de reformulação das estratégias de como se pensar as cidades.

A problemática singularizada por essa comunidade “[...] não é do domínio do particular ou, menos ainda, do patológico, e sim do domínio da construção de uma subjetividade¹ que se conecta e se entrelaça com problemáticas que se encontram em outros campos [...]” (ROLNIK; GUATTARI, 1996, p. 75). De forma inicial, tento conectar esses diferentes campos e articulá-los às questões inerentes à Arquitetura e Urbanismo.

Além da contextualização introdutória sobre o trabalho apresentado nesta *primeira brecha*², começo a *segunda brecha* traçando os caminhos metodológicos, seguido por uma breve apresentação do território do Recife-PE (*terceira brecha*). O “discurso oficial”, presente na representação das cidades através de elementos que o (re)produzem, será abordado na *primeira fresta*³. Por “discurso oficial”, coloco como os canais oficiais de comunicação representam as relações que acontecem na cidade, seus tensionamentos e desdobramentos desse discurso em contraposição aos discursos contra-hegemônicos, em especial no que se refere à representação dissidente do Recife.

Trago o termo “dissidente” para designar aquilo que escapa da “matriz [cis]heterossexual” conforme conceituada pela filósofa estadunidense Judith Butler: uma “[...] grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são

¹ Na noção de subjetividade, a autora e o autor apontam “[...] que saberes e poderes são agenciados pelos processos de subjetivação, que implicam o funcionamento de máquinas de expressão de natureza extrapessoal (sistemas econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia) e de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagem, de valor, modos de memorização e produção de ideias, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos e assim por diante)” (ROLNIK; GUATTARI, 1996, p. 31). Ao tocar no termo “máquinas de expressão”, é posto que “a maquinaria proposta por Guattari ao operar o agenciamento de subjetividades contemporâneas - no entrecruzamento das máquinas de natureza extrapessoal e infrapessoal - produz entre outros engendramentos, cartografias e, por conseguinte, cidades” (FONSECA; BRITTO, 2012, *online*).

² Por *brecha*, trago a definição de como sendo “espaço não preenchido; lacuna” (BRECHA, 2022, *online*). São por essas “lacunas” que o trabalho vai adentrando e se apresentando.

³ Por *fresta*, defino-a como sendo “abertura por onde passa luz” (FRESTA, 2022, *online*). São nessas aberturas, estreitas que começo a desenvolver os conceitos chave onde o trabalho vai se moldando.

naturalizados” (BUTLER, 2003, p. 216). É uma matriz excludente que visa tornar “abjetos”⁴ todos os corpos que não se encaixariam na suposta naturalidade da correspondência entre corpo biológico, sexo e orientação sexual, correspondência essa que seria uma “ficção” da qual os corpos não encaixados se tornam dissidentes (TEIXEIRA, 2013, p. 2).

A cidade é um território em constante trânsito: caminha-se pela cidade, esbarra-se nas pessoas, ruas, praças, cais e pontes. É infinitamente emaranhada em anseios e desejos; complexa e carregada de concepções e (des)construções de lugares, físicos ou simbólicos. Existem corpos *estranhos* que por eles frequentam, assentam e imantam os espaços e é na *segunda fresta* que será correlacionado o binômio corpo-cidade no contexto das dissidências recifense. Por *corpo*, trago inicialmente algumas impressões das autoras Tavares e Bonadio (2021), que apontam que

[A]final, aquilo que é considerado *estranho* em um determinado espaço é construído socialmente como tal pelas formas normativas que enquadram nossas relações sociais e performáticas. Nesse sentido, haveria, de modo diferencial, orientações performativas de corpos que estranham o espaço urbano. Ainda que as materialidades *generificadas, sexualizadas e racializadas* dos corpos possam deslizar rapidamente para uma desorientação social, subjugando e expondo alguns corpos (mais do que outros) à discriminação e violência, é o próprio estranhamento da presença que conforma uma espacialização instável de resistência e questiona a normatividade de exclusão que enquadra o vivível no espaço (TAVARES; BONADIO, 2021, p. 14-15).

Este trabalho se apoia na construção de um outro horizonte histórico com a possibilidade de “recriar a memória dos que [nunca tiveram] não só o poder, mas também a visibilidade de suas ações, resistências e projetos” (PAOLI, 1992, p. 2). Para tal, é necessário o “reconhecimento do direito ao passado enquanto dimensão básica da cidadania⁵, é resgatar essas ações e mesmo suas utopias não realizadas, fazendo-as emergir ao lado da memória do poder e em contestação ao seu triunfalismo” (PAOLI, 1992, p. 2). Assim, tento viabilizar um recurso contra o silenciamento, à favor de um despertar de memórias adormecidas.

A *memória* é um importante dispositivo de análise da representação do/no espaço, principalmente quando nos referimos aos grupos socialmente postos à margem. A rememoração e valorização dos corpos e outras formas de representação dissidentes no Recife, que deixa(ra)m suas marcas, são postos em destaque neste trabalho na *terceira fresta*.

⁴ Judith Butler traz que o “abjeto” designa “aqueles que ainda não são ‘sujeitos’” e, portanto, habitam zonas intermediárias, “‘inóspitas’ e ‘inabitáveis’ da vida social” (BUTLER, 2010, p. 112).

⁵ A arquiteta e urbanista Flavia Araújo, traz em sua tese a definição da “cidadania oficial”, ao qual chama de “cidadania maior” em contraposição à “cidadania menor”. A “cidadania (Maior) é aqui referenciada de acordo com a Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 5 de outubro de 1988, pela Assembleia Nacional Constituinte, cujos artigos 5º e 6º estabelecem os deveres e direitos do cidadão, entre os deveres do cidadão, apontamos o cumprimento às leis; e entre direitos estabelecidos, destacamos: o direito à saúde, educação, moradia, trabalho, previdência social, lazer, entre outros” (ARAÚJO, 2015, p. 189). A “cidadania menor” seria, nas palavras da autora, “uma cidadania que é feita pelas minorias a partir da ideia hegemônica de cidadania” (ARAÚJO, 2015, p. 189). Para mais aprofundamentos consultar a tese da autora.

Compreendendo que existem diferentes grupos sociais e que para dar conta da multiplicidade de vivências e lutas cada um desenvolve formas específicas de vida (SOUZA, 2011, p. 5), desejos e experiências no espaço. Desta forma, imbrica-se as batalhas simbólicas pelo estabelecimento da memória e de novos espaços de historicidade (BRITES DA SILVA, 1992, p. 17 apud SOUZA, 2011, p. 5).

Para tal, as narrativas urbanas dissidentes serão o fio condutor e o disparador dos desejos na investigação do território recifense, melhor explicadas na *quarta fresta*. De antemão, aponto o *desejo* como sendo “[...] todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outras percepções de mundo, outros sistemas de valores” (ROLNIK; GUATTARI, 1996, p. 215-216).

Para realizar a apreensão dos desejos recifenses, recorri a obra do escritor argentino Tulio Carella e seu narrador-personagem Lúcio Ginarte em *Orgia: os diários de Tulio Carella - Recife 1960* (2011) e do personagem Diógenes, na obra *Três rapazes e um quarto* (2021) do recifense Bui da Silva. Cheguei em tais autores a partir da investigação por obras que retrataram, na literatura, vivências dissidentes na cidade do Recife.

Temporalmente Carella/Lúcio (2011) já desvelara como era o universo homoafetivo das ruas do Recife no início da década de 1960. Posteriormente, Silva/Diógenes (2021) atravessou e foi atravessado pela cidade no início da década de 2010. Tendo experienciado minha sexualidade mais intensamente na mesma cidade a partir de 2015, procurei aglutinar as três experiências e criar um imaginário intercambiado entre os dois autores e eu.

Discutir então a produção das espacialidades a partir da tríade corpo, memória e desejo tem por objetivo dar visibilidade à diferentes formas de ocupar a cidade, identificando também a representatividade dissidente e como o do discurso oficial da cidade do Recife oferece condições de ocupação (ou não) do espaço urbano. Na *quinta fresta*, trato das questões que são caras à produção da *cartografia* aqui proposta.

Percorrendo caminhos considerados desviados, o itinerário dos desejos percorrerá os “bairros centrais” da cidade: Boa Vista, Soledade, Santo Amaro, São José, Santo Antônio e “Recife Antigo”, através das literaturas homoeróticas de Carella (2011) e Silva (2021), sendo atravessadas também pelas minhas próprias vivências. O meio para apresentar a cartografia que compõe desse itinerário se deu pela plataforma *online* colaborativa Miro, a qual pode ser

acessada pelo link a seguir: <https://bit.ly/cartografiadesejos>⁶. A forma de acompanhamento da cartografia e do presente texto fica à critério da pessoa que está lendo.

Para a elaboração da cartografia dos desejos homoafetivos do Recife, apoiei-me no processo de cartografar proposto pela psicanalista Suely Rolnik (2011, p. 24), onde esta cartografia “[...] foi se fazendo ao mesmo tempo que certos afetos [ou a(fe)tivações] foram sendo revisitados (ou visitados pela primeira vez) e que um território foi se compondo para eles”.

Para tal, não descartei métodos e formas de representação da cartografia tradicional, e sim mescliei diferentes abordagens para poder “ampliar as possibilidades de representar o irrepresentável” (NAME; CARRILLO, 2019, *online*) cuja profundidade dos mapas não alcança; sendo este o maior desafio. Para tanto, os locais nas citações ou menções nas obras de Silva (2021), Carella (2011) e as minhas experiências na cidade são o que compõem (inicialmente) essa cartografia, tentando ir além da simples marcação de pontos que inevitavelmente acabam desprezando os fenômenos que ali ocorreram/ocorrem.

Apesar da cartografia ser um meio oficial de registro e representação do espaço, o que estou propondo aqui é uma forma de “escrita não categorizada em lugar algum” (AMORIM; OLIVEIRA, 2017, p. 1438). A escolha da plataforma digital e a possibilidade de outras pessoas também construírem suas cartografias a partir da minha, incorporando-as, já surge como uma tentativa de romper essa estaticidade. No decorrer deste trabalho, evidencia-se que a cidade do Recife carece de outras leituras socioespaciais que sejam instituídas pela comunidade LGBTQIA+⁷.

Ao afirmar que representações espaciais, como os mapas que registram a cidade, são exemplos de como discursos constroem significados (ALMEIDA, 2019, p. 68), apresento também que

O dispositivo⁸ cartografia faz funcionar relações de poder em diversas funções como localizar, orientar, direcionar, formalizar, organizar, identificar, figurar e contar, de modo que tais funções atualizam e efetivam as possibilidades dessas relações de poder agirem na [subversão da] produção da cidade” (FONSECA; BRITTO, 2012, *online*).

⁶ O link disponível está aberto apenas para visualização e comentários, por questão de segurança e manutenção do registro inicialmente concebido por mim. No entanto, lhe convido a contribuir com a cartografia e para isso existe a opção de solicitar acesso à edição do material (botão azul no canto superior direito na plataforma Miro).

⁷ Acrônimo para: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis, *Queers*, Intersexos, Assexuais e o “+” representa as demais e múltiplas dissidências sexuais.

⁸ A autora e o autor trazem de Agamben (2009, p. 31) a definição de dispositivo como “tudo o que tem, de uma maneira ou de outra, a capacidade de capturar, de orientar, de determinar, de interceptar, de modelar, de controlar e de assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (FONSECA; BRITTO, 2012, *online*).

Me interessa então mesclar as experiências vividas pelos três interlocutores no espaço urbano, mostrando as áreas de circulação destes corpos, ou seja, onde a homoafetividade está. A intenção é estimular a representação dos lugares presentes no imaginário das narrativas urbanas dissidentes na cidade do Recife.

De forma marginal, este trabalho objetiva também servir como “[...] um memorial de protagonistas ocultos, reverberando no espaço para o outro [e para a cidade]” (AMORIM; OLIVEIRA, 2017, p. 1438) e valorizar a presença transgressora desses corpos dissidentes na cidade do Recife. O desafio é, portanto, “fazer com que experiências silenciadas, suprimidas ou privatizadas [...] se reencontrem com a dimensão histórica” (PAOLI, 1992, p. 2).

Por fim, à luz da intersecção entre corpo, desejo e memória e através das expressões evocadas na cartografia, são apresentadas considerações provisórias (*fissuras*⁹) e as reflexões fruto das análises deste trabalho.

Segunda brecha: caminhos metodológicos

Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, só uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, copiar, imitar ou fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo, e é isto o que faz não algo mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias, sempre “fora” e “entre” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 6).

Devido a natureza do meu tema e suas intersecções, compreendo que tal trabalho pede por desvios no que se refere às ferramentas metodológicas tradicionais. Ao me incluir¹⁰ no contexto do meu trabalho isso exigiu uma metodologia aberta para as minhas interferências subjetivas no trabalho, bem como uma escrita alternada em primeira e terceira pessoa.

A partir do questionamento sobre a cidade hegemônica do Recife e seus discursos, sigo não para encontrar respostas fixas e absolutas, mas para encontrar pistas e deixar rastros sobre qual é o passado e presente oculto da cidade do Recife que pode ser desvelado. Parto então de uma cartografia dos desejos homoafetivos como um caminho de (re)significação da memória dissidente do Recife. Pretendo trazer à tona reflexões sobre uma rememoração e reapropriação dos corpos dissidentes nos espaços urbanos da cidade.

Apoiando-se ainda em instrumentos investigativos tradicionais, o presente trabalho se debruçou na construção do arcabouço teórico a partir de leituras no campo da Arquitetura,

⁹ Pelas “rachaduras” (FISSURA, 2022, *online*) que as *fissuras* provocam, usei o termo para “fechar” o trabalho, apontando onde haveria essas “quebras e rupturas” provocadas pelos atravessamentos que trago.

¹⁰ De antemão, trago as visões aqui tratadas como atravessamentos da minha vivência, ciente dos meus privilégios como um homem, branco, cisgênero e gay na sociedade e de como isso direciona e reflete no trabalho que enfoca mais na “letra” G(ay) da Comunidade.

Urbanismo e áreas afins em temas que versam sobre, por exemplo: corpo e cidade; memória no espaço urbano; gênero e sexualidade; desejo; mapas e cartografias. Ao fazer o levantamento desses referenciais, um dos primeiros desafios foi realizar a transposição de algumas leituras, termos e ideias de áreas afins à Arquitetura e Urbanismo para o cenário de questões urbanas das sexualidades invisibilizadas.

Busquei ainda a construção de referencial teórico composto, prioritariamente, por pessoas pesquisadoras latinoamericanas; sem deixar de considerar o norte global como fonte de consulta por compreender que muitas teorias são incorporadas de lá. A aproximação geográfica e histórico-cultural, para mim, dialogou melhor por considerar a natureza interseccional do contexto brasileiro no que tange (principalmente) as relações de sexualidade e espaço urbano.

Além disso, os espaços retratados nas literaturas de Carella (2011) e Silva (2021), além dos locais por mim experienciados na cidade, foram vislumbrados já com um outro olhar provocado pela leitura dos aportes teóricos. A finalidade era subsidiar a construção de uma cartografia dos desejos homoafetivos do Recife, que surgissem a partir dos conceitos-chave deste trabalho: corpo, memória e desejo. Para cada conceito dessa tríade foram analisadas *frestas* para abordar suas teorias e desdobramentos na cidade do Recife.

As espacialidades e fenômenos marcados permitem uma leitura de cidade desejante conforme vai também desconstruindo normas espaciais mais tradicionais. Sendo assim, a cartografia que compõe este trabalho faz parte de um processo que não é único nem linear, constituído pelo uso de metodologias adaptadas ao passo que

[...] admite a prática cartográfica como produtora de cidades, cujos engendramentos históricos, políticos, sociais, culturais, entre outros, configuram múltiplas articulações entre saberes, poderes e modos de subjetivação relativos hegemonicamente à instância das macropolíticas urbanas (FONSECA; BRITTO, 2012, *online*)

No que tange a representação gráfica da cartografia, isso também foi alvo de experimentações. O Laboratório Gráfico Desviante (LGD) é um grupo formado por profissionais que atuam nas artes visuais, escrita, design gráfico e tecnologia digital que se questionaram qual seria a vogal *queer*¹¹, que fundisse o “a”, “o” e “e” para deixar em aberto o gênero grafado. Entre as observações traçadas, chegaram a conclusão que

A forma é intrínseca ao conteúdo, pois sempre teremos que escolher uma tipografia, e essa tipografia é carregada de história (quem são os tipógrafos das fontes que mais usamos, qual sua história?), mesmo que se opte por uma “neutralidade”. Questionou-

¹¹ “O termo deriva do alemão *quer* que significa oblíquo, peculiar, obstrutivo” (GONÇALVES, 2017, p. 15). Sob a definição do dicionário inglês de *Oxford*, o termo “apresenta a primeira definição de *queer* (na grafia atual) de maneira muito semelhante à alemã: ‘estranho, curioso, peculiar, excêntrico’” (GONÇALVES, 2017, p. 15). Foi um termo consolidado pela Judith Butler a partir da década de 1980 e que hoje não tem uma definição fixa e é geralmente utilizado por pessoas que não se enquadram na norma cisheterossexual.

se qual seria esse vocabulário formal relacionado a *queer*, quais cores e tipografias estavam a ela associadas. E, para evitar a formação de uma nova normatividade, no processo de criação da vogal *queer* optou-se por subverter fontes populares, massificadas e tidas como padrões, a Times New Roman¹² e a Arial, e não desenvolver desde o início uma nova família tipográfica (LGD, sem data, *online*).

Ainda nos elementos que constituem a parte gráfica da cartografia, para assimilação dos conteúdos de cada um dos interlocutores, foram designadas respectivas cores que acompanham as narrações de cada pessoa: Silva na cor preta, Euclides amarelo e Carella vermelho. A materialização da cartografia contou também com uma bricolagem de ferramentas, conceitos, ideias, que juntas formaram a peça central deste trabalho.

Sendo um material digital, a plataforma Miro foi adotada como canal que dá suporte à cartografia. O que motivou a escolha da plataforma foram os recursos disponíveis para produção de uma expressão imagética que vai além do que é representado em outras plataformas tradicionais de representação espacial, como o *Google Maps*.

Além disso, a abertura que a plataforma permite para que haja outras contribuições de narrativas, imagens, vídeos, sons e pictogramas colabora com a ideia que a cartografia que apresento se expanda para além das fronteiras que estabeleço. Por trazer um recorte iniciado pelas narrativas dos três interlocutores, concentrado na região central da cidade, tenho ciência que o que trago na cartografia é apenas uma fração das dissidências que atravessam o Recife. A proposta é que a cartografia se expanda, seus pictogramas e a(fe)tivações sejam cada vez mais moldados por diversas mãos.

O desafio era o de tornar visível e expressivo os desejos homoafetivos do Recife na forma de representação estática que uma imagem bidimensional traz. O uso dos pictogramas¹³ que dão sentido aos fenômenos foram inspirados pelos materiais do *Manual de Mapeo Colectivo* (2013) e *Atlas da Experiência Humana* (2004), além de outras associações imagéticas. A elaboração dos pictogramas levou em consideração a associação imagética do fenômeno (a(fe)tivação) com uma representação que fosse de entendimento mais generalizado.

A partir desses materiais e inspirado a imaginar outras formas de representação das narrativas urbanas dissidentes, de maneira que fosse possível diferenciar também as experiências de cada interlocutor, suas convergências e divergências. a nomenclatura que

¹² Nomeada de *Cuir Roman Times* esta foi a tipografia utilizada na cartografia. Para entender mais o processo elaborativos das novas fontes (e baixá-las!), confira o *site* do grupo: <http://www.lgdesviante.org/cidadequeer.html#section5>.

¹³ São os desenhos estilizados que compõem a legenda da cartografia que funcionam como um signo do texto/ideia que o acompanha.

orienta cada termo tenta se aproximar das a(fe)tivações e/ou espacializações dos fenômenos, como é possível observar na Figura 1.

Figura 1 - Legenda da Cartografia dos desejos homoafetivos do Recife-PE



Fonte: Autoral (2022).

Embora os pictogramas tragam representações que podem ser consideradas hegemônicas, compreendo que operamos na hegemonia - com as ferramentas hegemônicas - para que possamos subvertê-las. A ideia de apresentar e resumir as apreensões das narrativas foi um dos desafios encontrados e uma forma de superá-lo foi justamente aplicando-o na marginalidade dos fenômenos dissidentes.

Dessa forma, enquanto a representação da cidade “permanece estática”, ao fundo da cartografia, atravessado por um poema de Carlos Pena Filho¹⁴, os pictogramas que dão nome a(fe)tivações que “se movem” por onde os fenômenos acontecem. As cores primárias (escolhidas para que houvesse contraste entre os pictogramas e o fundo da cartografia) acompanham os pictogramas e referem-se a cada um dos interlocutores, estando também a

¹⁴ Poeta pernambucano, ao falar do Recife, diz: “No ponto onde o mar se extingue e as areias se levantam cavaram seus alicerces na surda sombra da terra e levantaram seus muros do frio sono das pedras. Depois armaram seus flancos; trinta bandeiras azuis plantadas no litoral. Hoje, serena, flutua, metade roubada ao mar, metade à Imaginação, pois é do sonho ~~dos homens~~ que uma cidade se inventa” (TÁVORA, 2004, p. 129, intervenção minha).

cartografia aberta a futuras intervenções e colaboração de demais pessoas. Outros elementos como fotos pessoais, vídeos e músicas esquadrinham as sensações trazidas pelo que está escrito. É como falamos, “uma imagem vale mais que mil palavras”; quem dirá então quantas imagens tem em uma música?

De forma complementar, uma amálgama dos pictogramas que compõem o *zine Lubricidade* (2022), feito pelo cientista social Bruno Puccinelli, faz a trama do texto “daqui” com a cartografia, indicando (na margem esquerda da folha, como ilustrado ao lado) que o parágrafo contém algo relacionado com a cartografia da plataforma Miro.



As colaborações da banca avaliadora, desde o processo de planejamento do projeto deste Trabalho Final de Graduação, contribuíram para que houvesse esses deslocamentos - principalmente - na forma de representar esses fenômenos que ocorrem na cidade, mas que não são representados. As subversões nas metodologias tradicionais - que carecem de fontes que abarquem os estudos que trazem o reconhecimento de outras formas de se pensar as cidades - foram um caminho que parecia indicar como visibilizar esses fenômenos.

Portanto, corroborando com Flavia Araújo (2016, p. 65) ao ver nas estratégias de resistência de uma minoria, não em termos numéricos, mas de direitos negados, há uma necessidade de “ocupar, acessar e produzir territórios no hegemonicamente instituído espaço urbano”. Assim, vislumbro na cartografia um caminho de confrontação crítica aos entendimentos hegemônicos sobre espaço urbano e assim, quem sabe, poder contribuir para outras formas de condutas de pesquisa.

Terceira brecha: desvelando o Recife

O Recife, como certas cidades, não se entrega à primeira vista. Seu encanto está oculto e talvez por isto se torne mais penetrante quando encontrado (CARELLA, 2011, p. 58-59).

O nome da cidade provém de “arrecife”, grande barreira rochosa de arenito que se estende por sua costa, segundo o geógrafo Carlos Bezerra Cavalcanti (2013, p. 10). A cidade do Recife nasceu em torno do conjunto de ilhas, istmos e terras, aos quais são cortados pelos rios Capibaribe e Beberibe, que há quem creia que do deságue formou-se o oceano Atlântico (!). Carella (2011) já constatava que “não é difícil compreender a geografia do Recife. Há uma ilha e dali parte as ruas, que se abrem como um leque. O rio Capibaribe ondula sinuosamente em curvas pronunciadas. As pontes são simétricas, mas diferentes” (CARELLA, 2011, p. 58).

É no encontro das águas, doce e salgada, que o Recife cresce e se desenvolve (LOUREIRO; AMORIM, 2000, p. 19)¹⁵.

Recife detém muitos títulos que exaltam sua cultura (ou aquilo que é hegemonicamente lido como cultura) além de seu destaque no cenário nacional, como sendo socioeconomicamente construída como a de capital “do Nordeste”, do frevo, do fervo e de tantas outras manifestações culturais. A cidade tem em sua essência a grandeza, exaltada na música, literatura e outras formas de expressão artísticas. Não à toa a megalomania das pessoas recifenses é conhecida nacionalmente, quiçá mundo afora.

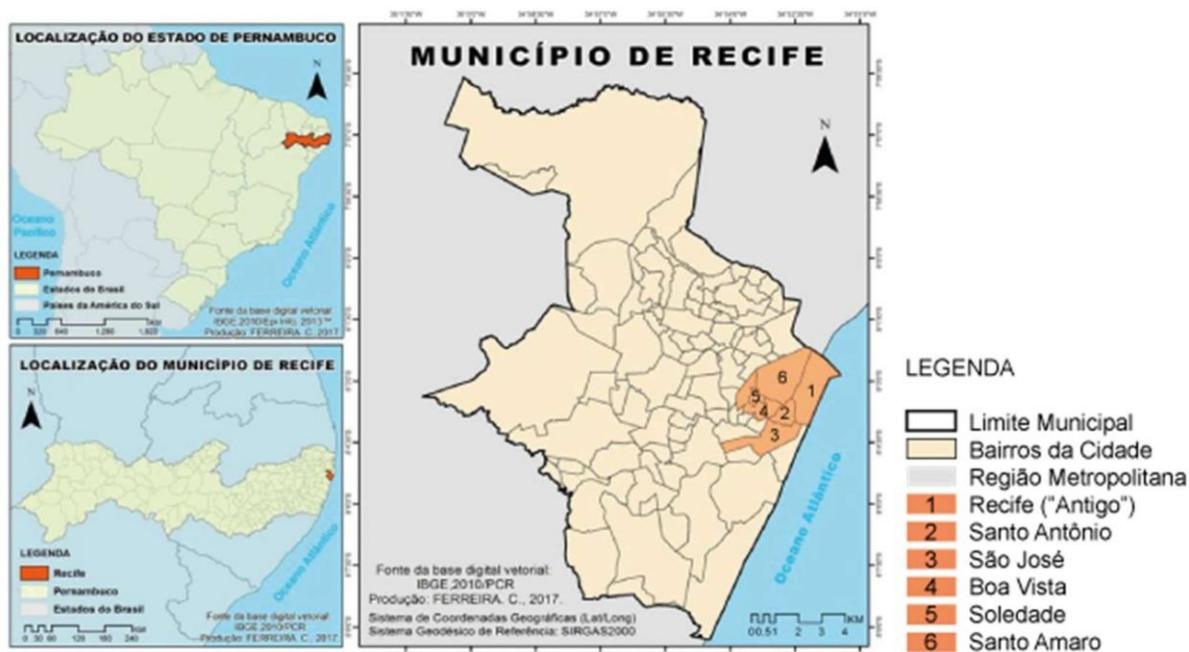
Apesar de tanta vivacidade, Recife também é a capital dos contrastes. É uma percepção que trago pelas minhas vivências na cidade, corroborada por dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, divulgados pelo G1 PE (2020, *online*). O IBGE traz um estudo da Síntese de Indicadores Sociais, referente ao ano de 2019, onde o Recife era a capital mais desigual do país.

É inevitável que dos contrastes surjam os conflitos, que potencializam as disputas pelo espaço urbano, seus usos e apropriações. Mais adiante será melhor apresentado como essas relações se dão no território recifense. De antemão antecipo que quem detém a narrativa da cidade detém o poder e no Recife esse controle tem produzido discursos que perpetuam a hegemonia das relações sociais na cidade, principalmente no que tange às relações de sexualidade e espaço.

Conforme o destaque no mapa do Recife (Mapa 1), o recorte geográfico do presente estudo, delimita os seguintes bairros: Recife (“Antigo”), Santo Antônio, São José, Boa Vista, Soledade e Santo Amaro, considerados bairros centrais da cidade. A escolha dos bairros surgiu a partir da definição das literaturas de Carella (2011) e Silva (2021) como pontos chave de análise das narrativas urbanas dissidentes, que surgem dos itinerários percorridos pelos narradores-personagens; somado às minhas experiências e apreensões na cidade.

¹⁵ Para saber mais sobre o processo de transformação do Recife, consulte o texto da autora e do autor.

Mapa 1 - Localização do município do Recife hoje e o estado de Pernambuco no Brasil



Fonte: Adaptado de Ferreira; Venâncio; Sá (2017).

Ao percorrer o território recifense e suas fronteiras, é possível inferir que não são os limites físicos dos bairros nos mapas oficiais que definem as fronteiras subjetivas aos quais é possível (re)imaginar as cidades. Para Barros (2004, p. 63)

Os limites administrativos e limites subjetivos devem coexistir. Não coincidem, na maioria das vezes, porém, faz-se necessário que existam, caso contrário essa escala urbana não existiria de fato. Os (limites) administrativos são necessários porque é partindo deles que aquele recorte é identificado oficialmente e planejado o assistido gestoramente; e os (limites) subjetivos se fazem necessários, visto que (o módulo social é aí definido) é a partir de sua definição coletiva que a base social se instaura, as reivindicações tomam corpo e o suporte físico o faz único.

As a(fe)tivações e os fenômenos que serão apresentados na cartografia eles não estão estáticos a esses limites administrativos e geográficos. Os corpos dissidentes borram as fronteiras, percorrem e atravessam a cidade pelos caminhos desviados. A composição desses itinerários vai se amarrando às apreensões das narrativas.

Na construção de uma morfologia da cidade, podemos dizer que o Recife, assim como outras cidades, se trata de um espaço de montagem, sendo a uma cidade atravessada por simbologias “[...] que transitam entre os aspectos históricos, geográficos e psíquicos; a cidade como um organismo aberto a modificações e constituído pelas complexidades de cada grupo, época ou lugar” (AMORIM; OLIVEIRA, 2017, p. 1434).

Para se alicerçar uma cidade como um espaço de montagem de cidadania, a produção de discursos que a sustenta “[...] está ligada ao estatuto de uma certa comunidade de

enunciadores, que conferem significado aquilo que é ‘dito’ ou ‘feito’ [...] os enunciadores definem seu ‘status’ e seu modo de enunciação, inscrevendo-se em uma certa posição social” (MAINGUENEAU, 2008, p. 122).

Os discursos hegemônicos enunciam um projeto de cidade que visa a exclusão de corpos que não se enquadrem na cis-heteronormatividade¹⁶ vigente. A seguir será posto os tensionamentos presentes na cidade do Recife e como isso se revela em um território que acolhe e ao mesmo tempo repele a comunidade LGBTQIA+.

¹⁶ O crítico literário norte americano Michael Warner cunha o termo heteronormatividade em 1981. O historiador Fernando José Benetti (2013, p. 21) explica-o como sendo a “organização social, relacional e psicológica que parte do princípio de que todos são ou deveriam ser heterossexuais”. O termo “cis” acrescido ao conceito refere-se à cisgeneridade, também posto como norma hegemônica.

FRESTAS

Primeira fresta: Recife e seus discursos

Os discursos que constroem as cidades operam através de mecanismos de poder¹⁷ que estão vinculados às instituições e no caso da cidade do Recife, não diferente das demais do Brasil, esses discursos estão alicerçados na cis-heteronormatividade. A construção de uma narrativa oficial, que por conveniência ou desprezo, ainda não contempla as reais necessidades da parcela da população que vive fora da norma hegemônica vigente.

Os fenômenos que serão retratados no recorte dos bairros escolhidos não são exclusivos apenas desses territórios. A apreensão desse recorte visa compor, "a nível da rua", a disputa produzida por esses tensionamentos do discurso "oficial" em contraposição ao discurso contra-hegemônico.

Há um desejo inerente dos corpos dissidentes de transgredir e com isso fazer uso da cidade e gozar do exercício de cidadania. Com essa ruptura do uso do espaço urbano em contraste e interposição "[...] ao sistema político de enunciados hegemônicos que têm no controle do corpo o silenciamento da diferença" (GORINI, 2019, p. 4-5). A convergência entre a cis-heteronormatividade e capitalismo, direcionam, de formas (in)visíveis através do controle social, as cidades para que sejam

[...] ordenadas de forma a promover a unidade familiar [cis]heterossexual monogâmica reprodutiva e das identidades sexuais que estariam implicadas nessa promoção, além de dificultar a visibilidade, concentração e acesso aos espaços urbanos dos corpos dissidentes, criando materializações da metáfora do "armário" (*closet*) na cidade¹⁸ (TEIXEIRA, 2013, p. 32-33).

O Recife é fonte inspiradora para as narrativas urbanas e é através da vida cotidiana que se expressam as diferentes formas de viver a cidade. Apesar desta pluralidade, Recife ainda carece de uma maior representação sob as perspectivas de uso dos espaços da cidade por pessoas LGBTQIA+.

Para o antropólogo argentino Nestor Perlongher, "conforme delimitam-se com mais clareza seus contornos geográficos, a identidade gay assume contornos cada vez mais totalizantes" (PERLONGHER, 1987, p. 81). Transportando para os dias atuais, para além da

¹⁷ Para saber mais, conferir Foucault (1987).

¹⁸ Para saber mais sobre o conceito de "armários da cidade", consulte Teixeira (2013).

“identidade gay”¹⁹ outras formas de dissidências sexuais e de gênero também moldam os espaços.

Abrindo um parêntese para o parágrafo acima: assume-se que a figura masculina é totalizante nas cidades, não só no meio homossexual, e por conta do discurso patriarcal que a letra G (gay) da sigla acaba ocupando sempre lugar de notoriedade; quase sempre inviabilizando as demais dissidências.

A ocupação da cidade por pessoas da comunidade LGBTQIA+ nem sempre é garantia de segurança e uso dos espaços. Por vezes usufruídos em determinados horários e com dinâmicas particulares, a construção desses locais tem a tendência de continuarem marginalizados e com isso contribuir para o esquecimento da memória LGBTQIA+.

O reconhecimento, seja ele nos “códigos de tradução de si mesmo para o outro” (ALMEIDA, 2019, p. 68) ou no sentimento de pertencimento ao espaço, opera por meio de dispositivos de visibilidade e invisibilidade. O conjunto de discursos é que “assegura a condição de vida vivível” (ALMEIDA, 2019, p. 68) ao qual a essa população repousa.

Essa condição de vida é infelizmente instável, tanto na esfera pública quanto privada, de acordo com os dados de violência contra a população LGBTQIA+ divulgados em 2021 pela Secretaria de Defesa Social de Pernambuco (SDS/PE) nos quais no ano anterior (apesar do período de pandemia do Covid-19) houve 2.816 ocorrências de crimes registrados²⁰ (PERNAMBUCO, 2021, *online*).

A crescente ofensiva conservadora no país, a partir do golpe de estado de 2016 contra a então presidenta Dilma Rousseff (JINKINGS *et al.*, 2016), tem cerceado a plena cidadania da população LGBTQIA+ e corroborado para índices de violência cada vez maiores não só em Recife, mas no país.

Importante destacar que a presença de marcadores sociais como gênero, classe e raça tem relação direta com a ocorrência de casos de *LGBTfobia* e por consequência o (não) atendimento oferecido na garantia de direitos à quem sofreu a violência (RAMOS; CARRARA, 2006, p. 196).

No caso do discurso oficial da cidade do Recife, ampliando também para a esfera estadual, apresentam-se algumas estratégias no sentido de promover a participação do estado e município nas políticas públicas para atendimento às demandas LGBTQIA+ que serão apresentadas a seguir.

¹⁹ Perlongher traz sua abordagem de identidade associando-a às questões sexuais.

²⁰ Violência doméstica/familiar (869), outras violências (985), estupro (48), Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLIs) (45).

O IBGE, por intermédio da Pesquisa de Informações Básicas Municipais (MUNIC) e Estaduais (ESTADIC) para o ano de 2019 traz dados preocupantes no contexto brasileiro mas ao menos para Pernambuco e Recife percebe-se (alguns) avanços no cumprimento de uma agenda pautada à favor dos direitos humanos.

Em relação aos dados do ESTADIC (IBGE, 2020a, p. 66), das 27 unidades federativas, 11 apresentam ações de prevenção da violência e da criminalidade no enfrentamento à *LGBTfobia* pelas Polícias Militares, não sendo possível identificar se Pernambuco está entre as 11 unidades. Em contrapartida, o estado é uma das 24 unidades federativas que apresentam programas e ações executados pelo órgão gestor de direitos humanos para a população LGBT+²¹, assim como faz parte das 13 que têm Conselho Estadual LGBT+²².

Para promoção da inclusão social através de políticas públicas, o *Plano Estadual de Promoção dos Direitos da População LGBT de Pernambuco - “Pernambuco da Diversidade”* (2017-2019)²³ busca articular as diferentes Secretarias do Estado nos nove eixos estratégicos²⁴. Conjuntamente também se aplica uma pioneira política de saúde específica para a população LGBT+, projeto advindo da esfera municipal da capital pernambucana²⁵.

Com relação aos dados fornecidos pelo MUNIC (IBGE, 2020b, p. 50-51), no quesito de possuir legislação específica sobre a proteção dos direitos da população LGBT+ foram analisados apenas 2.480 municípios e dentro desse universo, só 3,8% possuíam; estando o Recife incluído nessa lista. Porém, a capital pernambucana está entre os 99,1% municípios do país que não possuem Conselho Municipal LGBT+²⁶.

Entre as legislações municipais de proteção e garantia dos direitos humanos para a população LGBTQIA+, destaca-se a Lei 16.780/2002 que proíbe qualquer tipo de discriminação sexual e a Lei nº 17.025/2004 que pune os atos discriminatórios e institui o dia

²¹ O “+” foi acrescido na nomenclatura utilizada pelos documentos oficiais (quando estes não eram títulos) para contemplar as demais dissidências sexuais, pois nem sempre nos documentos oficiais para a população LGBTQIA+ todas as “letras” são contempladas, principalmente o “QIA+”. Por isso a apresentação dessas siglas variam no trabalho, de acordo com a redação encontrada nas fontes primárias.

²² O Conselho Estadual dos Direitos da População LGBTI+ (CEDPLGBT) de Pernambuco foi instituído pelo Decreto Estadual nº 40.189/2013 e mantém-se ativo desde então como órgão consultivo e deliberativo.

²³ Disponível em: <https://www.sdscj.pe.gov.br/conselhos/conselho-estadual-dos-direitos-da-populacao-lgbt/>. Acesso em: 25 maio 2022.

²⁴ A saber: educação e laicidade; cultura, esporte, lazer e turismo; trabalho, emprego e renda; saúde e assistência social; direitos humanos, legislação, cidadania e segurança; democratização e disseminação da informação e comunicação; igualdade racial; pessoas com deficiência; pessoas idosas (PERNAMBUCO, 2018, p. 13).

²⁵ Onde destaca-se dois equipamentos na cidade: o ambulatório LGBT Patrícia Gomes (2017), na Policlínica Lessa de Andrade e o ambulatório LBT do Hospital da Mulher (2016), que atende lésbicas, bissexuais e transexuais.

²⁶ Após rejeitada a primeira proposta em 2017, em 2022 a atual gestão municipal encaminhou um projeto para criação do Conselho sem, contudo, dialogar com os movimentos sociais e entidades civis (FRANÇA, 2022, *online*).

17 de abril como o dia da diversidade sexual no calendário oficial da cidade do Recife. Ambas as leis estampam os materiais produzidos pela campanha “Recife Sem Preconceito e Discriminação” que promove desde 2013 ações de conscientização contra a *LGBTfobia* na capital.

Outro importante equipamento da cidade é o Centro Municipal de Referência e Cidadania LGBTI+, inaugurado em 2014 e desde então desempenha atividades voltadas para orientar vítimas que tiveram seus direitos violados, além de encaminhar para os serviços especializados de atendimento. O Centro está vinculado à Gerência de Livre Orientação Sexual (GLOS), da Secretaria de Desenvolvimento Social, Direitos Humanos, Juventude e Políticas sobre Drogas (SDSDHJPD) e desde sua instalação realizou mais de 14 mil atendimentos e conta com mais de 2,4 mil pessoas cadastradas (RECIFE, 2021a, *online*). Entre as atividades da GLOS, destacam-se as ações listadas abaixo:

- I. **1ª Semana Municipal de Luta contra a Homofobia:** realizada durante o mês de maio de 2021, teve como objetivo de educar, conscientizar e garantir os direitos da população LGBTQIA+ do Recife com ações como o Projeto “Respeitar e Oportunizar” com cursos de qualificação e palestras sobre empregabilidade (RECIFE, 2021b, *online*);
- II. **Estação da Diversidade:** é uma unidade móvel do Centro de Referência que reforça os serviços ofertados pelo Centro, além de realizar encaminhamentos e referenciar as demandas da população LGBTQIA+ que vive em vulnerabilidade nas ruas. Essa unidade já esteve nos bairros de São José, no Centro do Recife; Ibura, na Zona Sul; Praça da Várzea, Zona Oeste; Morro da Conceição e Alto Santa Terezinha, na Zona Norte; no Totó, Zona Sudoeste e na Boa Vista (RECIFE, 2021c, *online*; RECIFE, 2021d, *online*);
- III. **Plataforma online de denúncias contra *LGBTfobia*:** lançado em 2018 para denúncias em estabelecimentos públicos ou particulares da cidade, o formulário está disponível no *site*²⁷ da Prefeitura. Entre as medidas após o registro da denúncia está a instauração de processo administrativo, ações educativas aos estabelecimentos denunciados e/ou punições impostas pelas leis vigentes (RECIFE, 2018, *online*);
- IV. **Sábado da Diversidade:** de 2010 a 2020, sob organização da GLOS, foram realizados no palco instalado no Pátio de São Pedro o “Sábado da Diversidade”

²⁷ Disponível em: <http://bit.ly/DenunciaLGBTRecife>. Acesso em: 2 maio 2022.



que tem como objetivo de contribuir para a participação dos artistas LGBTQ+ no Carnaval do Recife, fomentando a cultura LGBTQ+ e promovendo o respeito à diversidade sexual (RECIFE, 2020, *online*) e

- V. **Guias de Cidadania LGBTQ:** são três cartilhas informativas (2016, 2017 e 2019, *online*)²⁸ voltadas para agentes públicos/privados sobre diversidade sexual e de gênero, formas de preconceito e discriminação, além de apontar questões de saúde, marcos regulatórios, endereços e telefones úteis para essa população.

Além dessas ações elencadas, o site oficial da Prefeitura do Recife mantém outras notícias vinculadas ao termo “LGBT” desde o ano de 2011, em áreas como saúde, educação, emprego, direitos humanos e cultura. Dessa forma, soma-se a outros canais como uma importante ferramenta de comunicação que contribui para o registro das ações a nível municipal no que tange às políticas de inclusão à comunidade LGBTQIA+ no Recife.

Sendo também uma cidade com vocação para o turismo, Recife se coloca como um destino amigável a pessoas LGBTQIA+ através de suas belezas naturais, proximidade com praias paradisíacas e roteiros culturais diurnos e noturnos. A Empresa de Turismo de Pernambuco (Empetur) e a Secretaria de Turismo do Recife já apontavam o estado como um local acolhedor e a capital como “[...] um dos cinco destinos turísticos do país considerados *gay friendly*²⁹ pelo Ministério do Turismo” (RECIFE, 2012, *online*). Até o ano de 2018 Recife continuava nessa lista e desde então não há atualizações por parte do Ministério. A seguir será demonstrado como é fomentado o mercado turístico amigável ao público LGBTQIA+ no Recife.

Os Guias de Turismo Gay, que surgiram no Brasil pela Guiya Editora, servem de instrumento comercial que, de 2013 a 2019, revelavam fluxos e dinâmicas de sociabilidades ao público LGBTQIA+, com ênfase em gays e lésbicas. As cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Florianópolis, Belo Horizonte, Salvador e Recife tiveram esses roteiros espacializados, sendo a marcação dos locais nos mapas “[...] uma das ferramentas da visualização ‘imaginada, negociada e contestada’ da localização de gays e lésbicas” (COULMONT, 2006, p. 2 apud ALMEIDA, 2019, p. 105, tradução do autor).

Os locais da cidade contemplados nas quatro edições do Guia Gay Recife, de 2013 a 2016, pertencem a três dos seis bairros que fazem parte da cartografia deste trabalho. Além

²⁸ Disponíveis em: <https://www2.recife.pe.gov.br/16/05/2016/gerencia-de-livre-orientacao-sexual-glos-0>. Acesso em: 3 maio 2022.

²⁹ Tradução: amigável ao (público) gay.

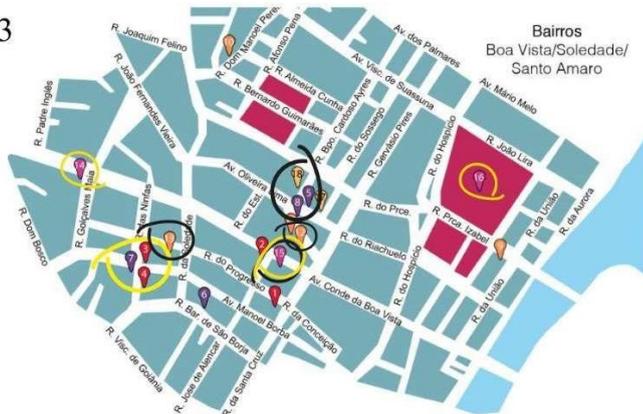
disso, os roteiros fazem parte de uma geografia do consumo LGBTQIA+ que se mantém em certo grau, como é possível observar na Figura 2 abaixo.

Inclusive, dos 24 diferentes locais especializados nos guias da Figura 2, foram destacados seis que fazem parte do itinerário de Diógenes, em Três rapazes e um quarto (2021) e sete já foram por mim experienciados, com intersecção de apenas um local entre nós dois (*Shopping Boa Vista*)³⁰. Neste caso, os guias refletem não só a relação já estabelecida da produção de nichos de consumo dos/nos espaços como também uma diferença de escolha de onde frequentar a partir de fatores como: faixa etária, público alvo do estabelecimento, oferta de serviços, discrição dos atos etc.

³⁰ Estão circulados na Figura 2, com as respectivas cores dos interlocutores, os locais convergentes que correspondem aos locais dos Guias Gay Recife. Posteriormente esses locais convergentes serão melhor narrados na cartografia.

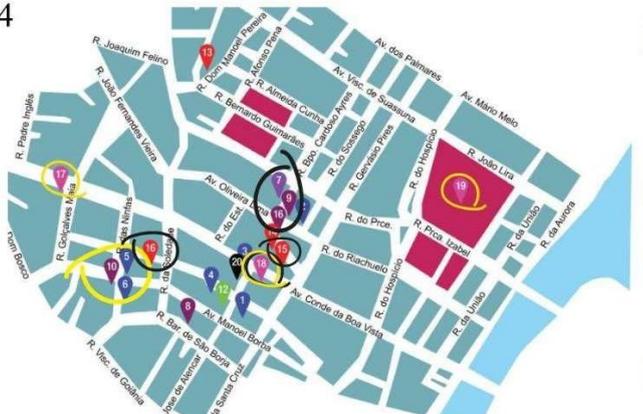
Figura 2 - Edições 1, 2, 3 e 4 do Guia Gay Recife (2013-2016)

2013



- Bares**
- 1- Castelo Marron
 - 2- Mustang Chopp
 - 3- Conchitta
 - 4- Santo Bar
- Clubes**
- 5- Confraria dos Ursos
 - 6- Fame
 - 7- Metrópole
 - 8- MKB
- Hot**
- 9- Majestic Cine Club
 - 10- Termas Boa Vista
 - 11- Cine Boa Vista
 - 12- Club 111
 - 13- Progresso Club
- Points**
- 14- Loja Select - Posto Shell
 - 15- Shopping Boa Vista
 - 16- Parque 13 de Maio
- Para Elas**
- 17- Mix Pub
 - 18- Nosso Jeito Bar

2014



- BARES/BARS**
- 1- Castelo Marron
 - 2- Mix Pub
 - 3- Mustang Chopp
 - 4- Pithausen Bar
 - 5- Conchitta
 - 6- Santo bar
- PARA ELAS/FOR LESBIANS**
- 7- Nosso Jeito Bar
- CLUBES/CLUBS**
- 8- Boate Fame
 - 9- Confraria dos Ursos
 - 10- Clube Metrópole
 - 11- MKB
- COMPRAS/SHOPPING**
- 12- Corpo Santo
- HOT**
- 13- Termas Boa Vista
 - 14- Cine Boa Vista
 - 15- Club 111
 - 16- Progresso Club
- POINTS**
- 17- Loja Select Posto Shell
 - 18- Shopping Boa Vista
 - 19- Parque 13 de Maio
- CORPO/BODY***
- 20- Nativus Suplementos
- *Patrocinado

2015



- Bares/Bars**
- 1 - Castelo Marron
 - 2 - Mustang Chopp
 - 3 - Bar Central
 - 4 - Conchittas
 - 5 - Santo Bar
- Compras/Shopping**
- 6 - Corpo Santo
- Para elas/For Lesbians**
- 7 - Nosso Jeito Bar
- Clubes/clubs**
- 8 - Clube Metrópole
 - 9 - MKB
 - 10 - Confraria dos Ursos
- Hot**
- 11 - Cinema Especial
 - 12 - Termas Boa Vista
 - 13 - Majestic Cine Clube
 - 14 - Cine Boa Vista
 - 15 - Progresso Club
- Points/Spots**
- 16 - Select - Posto Shell
 - 17 - Shopping Boa Vista
 - 18 - Parque 13 de Maio
- Cidadania**
- 19 - Centro de Referência LGBT
- Corpo/Body***
- 20 - Nativus Suplementos
- *Patrocinado

2016



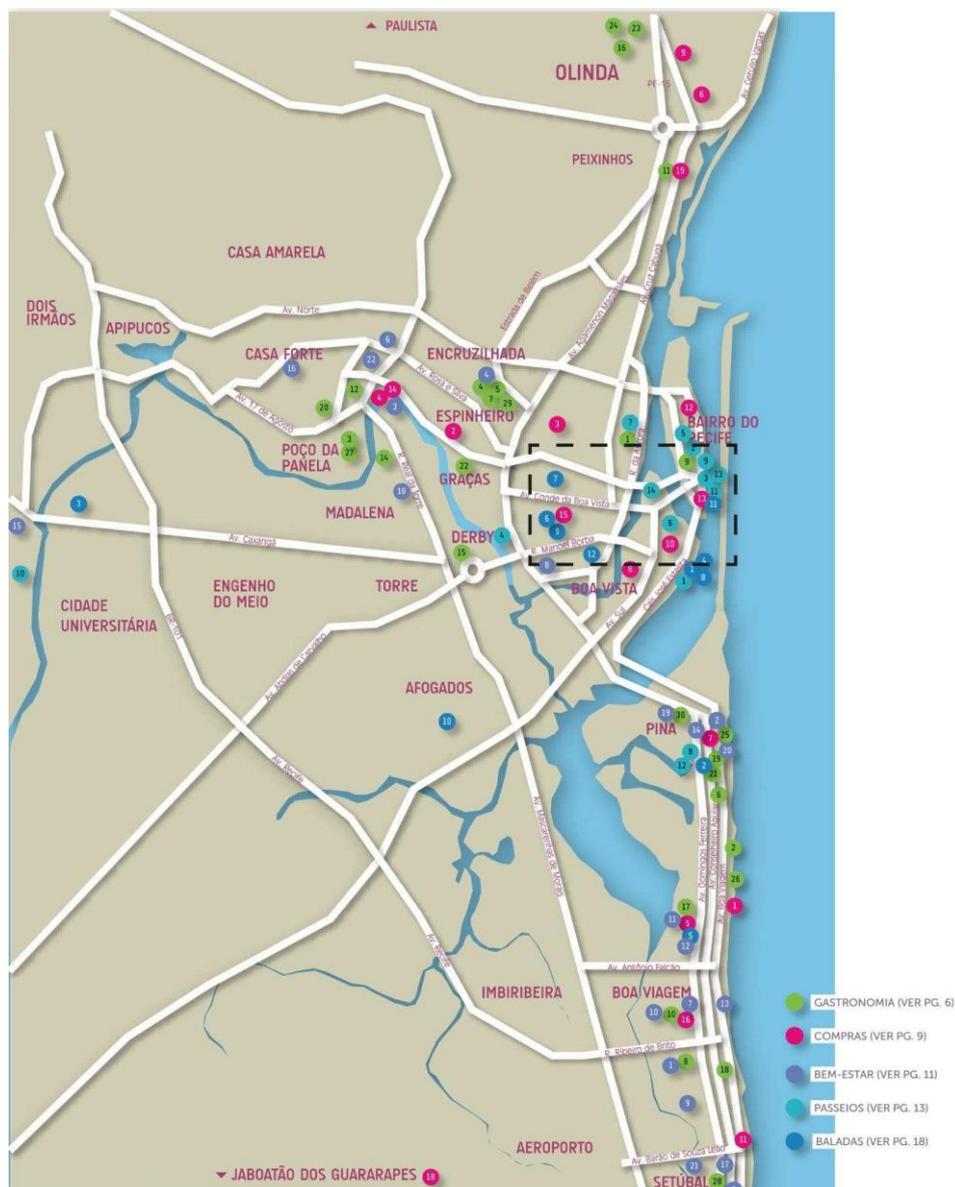
- BOA VISTA/SOLEDADE/SANTO AMARO**
- BARES/BARS**
- 1 - Castelo Marron
 - 2 - Conchittas Bar
 - 3 - Mustang Chopp
 - 4 - Pimenta Pub
 - 5 - Santo Bar
- COMPRAS/SHOPPING**
- 6 - Corpo Santo
- CLUBES/CLUBS**
- 7 - Clube Metrópole
 - 8 - MKB
 - 9 - Nosso Jeito Bar
- HOT**
- 10 - Cine Boa Vista
 - 11 - Cinema Especial
 - 12 - Sauna Progresso Club
 - 13 - Termas Boa Vista
 - 14 - Majestic Cine Club
- POINTS**
- 15 - Select - Posto Shell
 - 16 - Shopping Boa Vista
 - 17 - Parque 13 de Maio
- CIDADANIA/CITIZENSHIP**
- 18 - Centro de Referência LGBT
- CORPO/BODY***
- 19 - Nativus Suplementos
- *Patrocinado

LEGENDA locais para Silva (2021) locais para Euclides

Fonte: Adaptado de Guia Editora (2013; 2014; 2015 e 2016).

Além do material confeccionado pela Guiya Editora, a Empetur também produziu um guia similar, o “Guia GLS³¹ Pernambuco: um estado de felicidade” (2011). Era um roteiro turístico listando opções de gastronomia, compras, bem-estar, passeios e baladas para o segmento LGBT+. O Guia (Figura 3) expande as opções para além do recorte dos bairros deste trabalho, classificando-os como 100% gay; *gay friendly* (“ambiente misto, gays são bem-vindos”) ou *straight friendly* (“ambiente gay, héteros são bem-vindos”) (EMPETUR, 2011).

Figura 3 - Espacialização dos locais do Guia GLS Pernambuco, com destaque para o recorte dos bairros deste estudo



Fonte: Adaptado de Empetur (2011).

³¹ Acrônimo para Gays, Lésbicas e Simpatizantes, sigla utilizada na época.

Realizado antes dos Guias Gays da editora Guiya e abrangendo um território maior, a edição produzida pela Empetur já traz locais que foram representados nos Guias Gays, como a boate Metr pole e os bares Meu Kaso Bar e Nosso Jeito Bar. Ainda assim, há uma convergência de apenas outros dois locais quando comparamos os dois guias, mesmo que do recorte dos bairros deste estudo aparecem 27 das 98 op es de lazer apresentadas no Guia GLS.

A partir disso podemos inferir que, com o passar dos anos, as op es turísticas e de lazer voltadas para o público LGBTQIA+ diminuíram ou migraram para outras partes da cidade, ao passo que houve um crescimento de estabelecimentos e oferta de serviços que se colocam como amigáveis a esse público.

Com o intuito de manter a cidade do Recife como destino amigável ao público LGBTQIA+, a prefeitura municipal também produziu seu próprio guia para retratar os locais receptivos na cidade. Sem contar com uma representa o imagética desses locais, o “Guia Recife+” foi uma iniciativa lançada em 2021 e que conta com mais de 30 op es de lazer - entre os quais quatro são também citados nos Guias Gay (em suas quatro edi es) e/ou Guia GLS (2011) - além de listar locais que oferecem serviços de cidadania a esse público (RECIFE, 2021e, *online*).

A proposta de trazer esses materiais, os Guias Gay, Guia GLS e o Recife+, que espacializam e marcam essas din micas em uma espécie de mapa, foi a de ilustrar como, entre outras coisas, o mercado capta alguns fen menos e dele se apropria. De maneira mais (Guias Gay) ou menos (Recife+) explícita, os roteiros apontam o que Carella (2011, p. 94) já falava dos guias turísticos em geral, aos quais chamava de “mapas incompletos”, dado a turistas ou forasteiros, que mostram apenas o “essencial”, sem, contudo “encharcar-se bem da alma da cidade [ao qual para isso]   preciso adentr -la lentamente” (CARELLA, 2011, p. 94).

Na constru o dos espaços que sejam amigáveis e sem impedimentos de serem frequentados pelo público LGBTQIA+, os materiais que foram citados nesses últimos parágrafos estão, em sua maioria, imbricados em bairros centrais do Recife. A produ o desses tipos de mapas ajudou a ilustrar o que se percebe ao nível do solo, fazem parte da memória desse grupo social e indica onde os fen menos acontecem e isso tudo, em certa medida, se costumam   cartografia aqui proposta.

Todavia, o geógrafo Vinícius Almeida (2019) também tece críticas   produ o de alguns mapas sobre sexualidades não normativas, como os guias que foram apresentados. Isso se d  pelo fato de que o registro apenas da localiza o de endereços acaba por reduzir a espacialidade dos fen menos a um ponto; “[...] apenas a localiza o topográfica dos fen menos em mapas   algo muito aquém das possibilidades cartográficas” (ALMEIDA, 2019, p. 105).

Complementa afirmando que, esses mapas que servem como instrumento comercial tendem a revelar apenas os interesses capitalistas, relegando a segundo plano as questões simbólicas e a memória dos lugares. Porém, mesmo com uso comercial desse produto e a tendência de incorporação cada vez mais de novos espaços privados, ainda assim esses espaços mantêm-se na memória dos bairros o histórico de ocupação - e porque não resistência - da comunidade LGBTQIA+ no território recifense.

Na continuidade da investigação dos territórios LGBTQIA+ do Recife, no quesito festividades, além do carnaval, destaca-se também as Paradas do Orgulho/Diversidade que em 2022 completa 20 anos no Recife, indo para sua 21ª edição. Desde a primeira edição, em 2002, conta com o apoio da Prefeitura do Recife e onde a ocupação massiva de corpos dissidentes nas ruas “[...] representam f(r)estas no controle social exercido pelos dominantes tanto do espaço público quanto privado” (LACERDA, 2013, p. 111).

As Paradas são eventos que apesar da efemeridade tem um importante papel para a comunidade LGBTQIA+, ao passo que “conectam o protesto à celebração da diversidade, reivindicando também, no espaço público, seus propósitos políticos em torno do direito a aparecer e existir” (CAVALCANTE NETO; ARAÚJO, 2021, p. 479).

Por outro lado, as táticas, estratégias e ações contra-hegemônicas desenvolvidas pela comunidade LGBTQIA+ para garantir a inclusão e reconhecimentos sempre vieram de muita luta e resistência, ao passo que esses corpos são vistos como “não-contados, não ditos (ou malditos) nos discursos dominantes [...]” (ARAÚJO, 2016, p. 65).

Para adentrar e acessar algumas das conquistas simbólicas que alimentam o discurso contra-hegemônico na cidade do Recife é necessário a escuta de interlocutores e de um aprofundamento maior do campo, ficando essa experiência para um momento posterior. Além disso, nem sempre o registro dessa luta aparece nos meios de comunicação ou está documentado em pesquisas acadêmicas, o que dificulta a assimilação desse conteúdo. As próximas *frestas* do trabalho são uma tentativa de suprir essas ausências.

Segunda fresta: corpo e cidade

A relação entre o corpo e a cidade é indispensável na constituição do sujeito urbano, e esse relacionamento funciona de maneira recíproca, porque, ao mesmo tempo que a cidade é vivida através do corpo, o corpo é o responsável por fazer a cidade (DIAS; LEITE, 2021, p. 62).

A arquiteta e urbanista Paola Berenstein Jacques, aponta que “a cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação

descrevendo em sua corporalidade, o que passamos a chamar de *corpografia* urbana³²” (JACQUES, 2008, *online*). Não havendo então dissociação do corpo-sujeito para o corpo-urbano (cidade), as múltiplas apreensões desses e nesses corpos permitem com que seja possível uma outra vivência da cidade (JACQUES, 2008, *online*), ao passo que

(...) a cidade é “investida” por uma ordem dupla de “desejos” desejamos a cidade como “seio”, como “mãe” e, em simultâneo, como “máquina”, como “instrumento”; queremos-la “éthos”, no sentido original de morada e residência e, ao mesmo tempo queremos-la um meio complexo de funções; pedimo-las segurança e “paz” e, concomitantemente, pretendemos dela grandes eficiência, eficácia e mobilidade. A cidade vive sujeita a questões contraditórias. Querer ultrapassar esta contraditoriedade é má utopia. É necessário, ao invés, dar-lhe forma. A cidade, na sua história, é a perene experiência de dar forma à contradição, ao conflito.” (CACCIARI, 2010, p. 7)

As contradições às quais a cidade vive oferecem “diferentes experiências urbanas [que] podem ser inscritas em um corpo, o que pode resultar em diferentes *corpografias*. Essas *corpografias* podem ser cartografadas, mapeadas, representadas ou ilustradas” (JACQUES, 2008, *online*). É justamente nessa possibilidade de cartografar esses corpos e por enxergar também a potência disso para a experiência urbana que trago os conceitos da arquiteta para este trabalho.

Na consolidação dos espaços no meio urbano, há uma necessidade inevitável da busca dos corpos por seus pares, por locais que permitam seus encontros e interações. A história da cidade do Recife, não muito distante da de outras capitais brasileiras, demonstra que existem espaços que possibilitam a livre expressão das diversidades existentes, apesar de

Historicamente, as cidades têm sido estruturadas de uma forma que conservam a homogeneização e elitização dos espaços, isto é, a cidade pouco acolhe as diferenças, fazendo com que as minorias sociais estabeleçam sempre uma relação de trânsito com o território (CÓRTEZ, 2008).

A leitura da cidade espacialmente e ideologicamente excludente (PAGNAN, 2020, p. 216) (re)produzem o espaço urbano através dos corpos que deixam pistas e rastros no cotidiano. A ligação do corpo com espaço é o que busca o ser humano habitante do território, pois é onde a pessoa intencionalmente se conecta (BOUTINET, 1990 apud PAGNAN, 2020, p. 218, tradução do autor).

³² “A *corpografia* é uma cartografia corporal (ou corpo-cartografia, daí *corpografia*) [...] Uma *corpografia* urbana é um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo, o registro de sua experiência da cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que fica inscrita mas também configura o corpo de quem a experimenta” (JACQUES, 2008, *online*). Por cartografia, a arquiteta identifica que “[...] uma cartografia urbana descreve um mapa da cidade construída e assim muitas vezes já apropriada e modificada por seus usuários” (JACQUES, 2008, *online*).

Aliado ao pensamento de Paola Jacques, trago também o conceito de *esparramação* do corpo, trazido pelas arquitetas e urbanistas Rossana Tavares e Mariana Bonadio. Para as autoras,

A compreensão da *esparramação* do corpo via uma orientação espacial *queer estranha* se fundamenta na concepção de níveis distintos de apropriação do espaço que podem ser desvelados no modo como esse mesmo *corpo esparramado* orienta ou desorienta as espacialidades urbanas (AHMED, 2006, p. 20). Consideramos esses níveis de apropriação como processos de resistência que ocorrem cotidianamente frente ao poder homogeneizador dos espaços orientados para enquadrar os corpos e absorver as diferenças. Ou seja, propomos a *esparramação do corpo* como uma ideia produtora de uma contrarresistência da indiferença (TAVARES; BONADIO, 2021, p. 4).

A conexão dos corpos dissidentes no espaço público provoca rupturas na dinâmica social e o próprio ato de ocupar os espaços por si só já se configura como uma transgressão e subversão desse espaço hegemonicamente ocupado. Sendo o corpo o primeiro lugar do indivíduo, um símbolo pessoal e social de identidade³³ (CORTÉS, 2008, p. 136), através dele é possível inferir uma análise social no contexto urbano e suas (in)visibilidades.

Estar presente e visível no espaço público é uma forma de expressão política, segundo Judith Butler (2018, p. 14). As aparições públicas, mesmo que individuais, revelam um desejo coletivo que se vê encorpado e substanciado a outras ações (ALMEIDA, 2019, p. 79).

“A corporeidade não poderia ser dissociada da percepção da sexualidade que um corpo teria de si [...] sobre a qual conceitos como masculino e feminino seriam indiferentemente projetados” (TEIXEIRA, 2013, p. 2). Portanto, corpo e sexualidade não podem ser encarados como categorias à parte, já que estão imbricados nas memórias de grupos e coletivos e estão representadas na arquitetura das cidades.

O arquiteto norte americano Aaron Betsky (1995, p. 22 apud PAGNAN, 2020, p. 221, tradução do autor) afirma que “o imaginário do corpo masculino está em qualquer lugar, da construção fálica dos arranha-céus [...] os papéis [sic] do Homem e seu poder se fazem reais por meio da arquitetura”. Neste sentido, o Recife apresenta um emblemático exemplo arquitetônico. Ao lado do Marco Zero, principal ponto turístico da cidade, existe o Parque das Esculturas, um museu de arte a céu aberto com peças do artista plástico Francisco Brennand.

³³ Cortés (2008, p. 136) ao trazer o termo *identidade* aponta que “os indivíduos não nascem como seres humanos totalmente acabados [...] Consequentemente, as pessoas não são um produto definido por imperativos biológicos, tampouco são o simples resultado das relações sociais. Existe um âmbito psíquico, com suas próprias normas e história, no qual as possibilidades biológicas do organismo adquirem seu significado. Por isso, o que denominamos identidade é um ganho sempre precário, que se vê constantemente solapado pelos desejos reprimidos que constituem o inconsciente”.



Entre as obras existe a Coluna de Cristal (Figura 4) - conhecida popularmente por seu aspecto fálico.

Figura 4 - Coluna de Cristal no Parque das Esculturas e detalhe das edificações verticais ao fundo



Fonte: Josiane Santos em grupo do *Facebook* Recife e Olinda / Um olhar particular (2021).

A representação dos “arranha-céus” e demais construções vertiginosas (que reproduzem o aspecto fálico) em Recife, presentes na figura acima, demonstram a relação de espacialidade de poder e moralidade social com a virilidade, onde o grande medo da passividade implicaria na perda de privilégios (PAGNAN, 2020, p. 221). Apesar dessa sinalização de poder, o sociólogo estadunidense Richard Sennett já assinalava uma mudança no paradigma urbano que muito nos é caro.

A passividade exposta pelo arquiteto e urbanista Redson Pagnan corrobora com a crescente dissolução de uma imagem dominante do corpo (masculino), dissolução esta que provocou “alterações que macularam e subverteram a forma e o espaço urbano” (SENNETT, 2003, p. 23). Tal condição possibilita o surgimento de sujeitos fora da norma e da caracterização de “espaços produzidos por subjetividades/materialidades desviantes [...]” (ALMEIDA, 2019, p. 108).

Ao enquadrar o corpo-sujeito como fora da norma, o que está se propondo, de fato, é

“[...] uma *crítica do sujeito*: sua compreensão como entidade atomizada, posicionada como um *universal* racional no arranjo tripartido positivista³⁴, só é possível se este for abstraído de subjetivação. Esse *sujeito universal* (abstrato, racional e neutro da Ciência) dissimula sua particularidade masculinista³⁵, branca, cis-heteronormativa, e sua localização norte-eurocêntrica privilegiada” (TAVARES; BONADIO, 2021, p. 8).

Para corroborar com a crítica ao sujeito *universal*, imbricado na norma hegemônica, o filósofo espanhol Paul Beatriz Preciado aponta que “todo corpo é potencialmente desviado” (PRECIADO, 2017, *online*), dentro da conjuntura heteronormativa e das arquiteturas políticas de controle e normatização³⁶. Neste caso, o trânsito possibilita a criação de frestas para transgredir a espacialização política do corpo e gestão do espaço para promover sua visibilidade no espaço público (PRECIADO, 2017, p. 12-14).

É nessa direção que Tavares e Bonadio (2021, p. 9) trazem o paradoxo de sujeição-constituição³⁷, proposto por Butler (2018), ao qual ela “[...] propõe a ideia de que toda vida é precária em sua constituição, pois o próprio surgimento do *sujeito* é interdependente das forças sociais que o permitem emergir como vida passível de ser vivida (ou não) [...]”. Para ilustrar, trago abaixo uma história que permanece viva no imaginário popular da cidade do Recife.

Uma das representações no Recife de, como bem trouxe a escritora anglo-australiana Sara Ahmed (2006, p. 20), um corpo que “orienta e, ao mesmo tempo, desorienta o espaço, modificando a ordem das coisas” é Lolita (Figura 5). Travesti, viveu na cidade entre os anos 1950 e 1970, era conhecida como “arruaceira”, “bebedora” e declamadora de versos e prosas pelas ruas do Recife.



³⁴ I) o sujeito *conhecedor*; II) a realidade/objeto a ser *conhecido/a* e III) entre os dois termos o *conhecimento* (TAVARES; BONADIO, 2021, p. 7).

³⁵ Aqui, as autoras apontam que “masculinista não é o antônimo de feminista. Significa um sujeito que defende os direitos dos homens por acreditar que o feminismo os oprime; como se o movimento contra a misoginia, o machismo e o sexismo tivesse trazido desvantagens aos homens” (TAVARES; BONADIO, 2021, p. 8).

³⁶ A exemplo do espaço doméstico, escola etc. Para saber mais, conferir Foucault (1987).

³⁷ Em linhas gerais, Butler traçou que o sujeito é produto das forças que “[...] organizam as matrizes sociais, políticas, econômicas e culturais” (TAVARES; BONADIO, 2021, p. 9) ao mesmo tempo que, simultaneamente, interpeladas por relações sociais, “somos nomeadas por termos que nunca escolhemos para nós mesmas e que nos formam como seres reflexivos, antes mesmo de formarmos nossa vontade (ou consciência)” (TAVARES; BONADIO, 2021, p. 9).

Figura 5 - Lolita



Lolita, travesti, foi uma personagem das ruas recifenses. Recitava e cantava Ângela Mória de quem era fã: “Será que eu sou feia?” Secundada pelas baêmiãs das bôres: Nãa é nãa, senhor[ã]! E ela: Entãa eu sou lindã? E as baêmiãs: Vacê é um amor!

Cunhou a célebre frase “quem nãa conhece Lolita, nãa conhece Recife”

Fonte: Adaptado de TRAVESTIVIVA, 2022.

Nas matérias que eu li para filtrar o que destacar da vida de Lolita (MARTINS, 2010, *online*; REDAÇÃO, 2021, *online*), repetidas vezes ela era tratada pelo pronome masculino, estigmatizando mais ainda esse corpo que não seguia as normas hegemônicas e que sofreu duras perseguições policiais, ao qual resistia com valentia, mantendo uma fama de “brigona”.

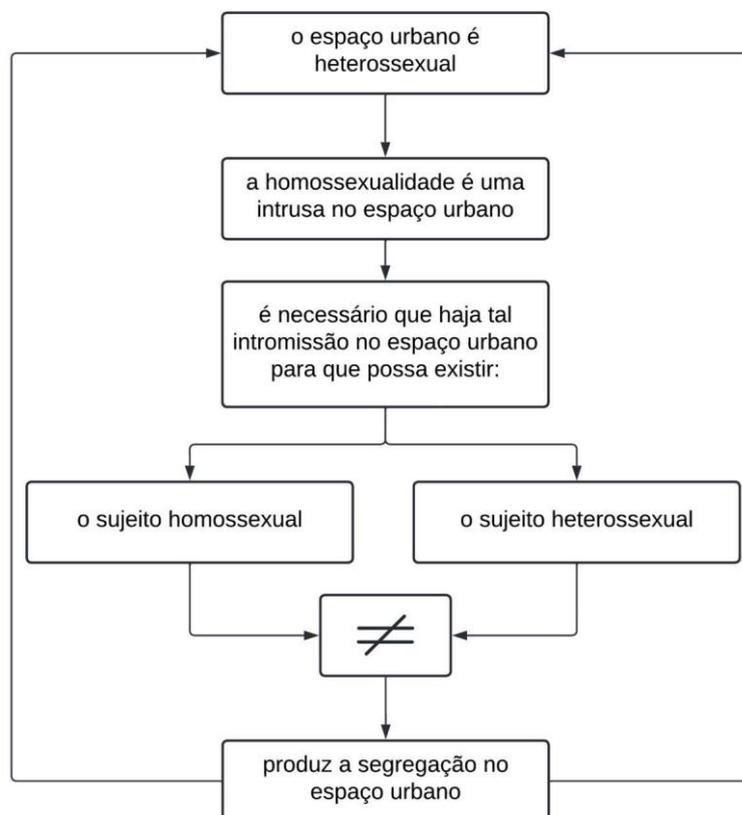
Moradora das zonas de meretrício, *esparramava* pela cidade, sendo uma “expressão libertária das ruas do Recife” e “desconstruía o pudor hipócrita e a máscara de *macheza* da elite pernambucana” (REDAÇÃO, 2021, *online*). Lolita inscrevia no espaço suas apreensões enquanto corpo travesti, “explicitando as micro práticas cotidianas do espaço vivido, as apropriações diversas do espaço urbano que não são percebidas [ou deixadas à margem]” (JACQUES, 2008, *online*).

A estigmatização de corpos dissidentes não é algo que ficou no passado, infelizmente. Tavares e Bonadio (2021), à luz de Butler (2018), apontam que

[...] ainda que toda vida seja precária em sua constituição, nem todas estão suscetíveis à mesma precariedade: alguns corpos são tornados abjetos e descartáveis pelos regimes de regulação de inteligibilidade de existências que diferenciam aqueles que serão considerados mais ou menos *humanos* (LUGONES, 2014, p. 943) [...] É preciso dizer: vidas feminizadas, vidas racializadas negras e não brancas/ocidentalizadas, vidas não heteronormativas, vidas *queer* etc. estarão corporalmente marcadas em sua exposição à precarização, estimadas como menos humanas na balança dos corpos que importam para a vida social (TAVARES; BONADIO, 2021, p. 9).

Em mais uma forma de representar que, uma das características do espaço público é, além de ser um espaço heterossexual, um espaço masculino, trago o diagrama abaixo (Figura 6).

Figura 6 - Diagrama da produção do espaço urbano e suas relações com as sexualidades



Fonte: Almeida (2019, p. 108).

Diante do que foi exposto até aqui, podemos considerar que o espaço público é uma erotização dessexualizante do separatismo masculino onde, a sexualidade feminina - não somente a homossexualidade - é um tipo de sexualidade periférica à medida que a sua produção se dá pela exclusão do espaço público pelo prazer oriundo dessas segregações (PRECIADO, 2017, p. 12-14).

Nesse cenário, as organizações políticas do espaço, onde o corpo privado condiciona o corpo público, mantêm-se em vinculação e diferenciação (BUTLER, 2018, p. 61). Mas, apesar

[...] de o corpo público e o corpo privado não serem completamente distintos (corpos privados algumas vezes 'se mostram' em público, e cada corpo exposto publicamente tem os seus momentos privados), a bifurcação é crucial para manter a distinção entre o público e o privado e os seus modos de repúdio e de privação de direitos (BUTLER, 2018, p. 61).

A guerra de poderes travada com a homossexualidade (masculina) é, a todo momento, posta em prática no espaço público, onde, nessa oposição de forças a expressão da homossexualidade é sempre sexualizadora, em maior ou menor grau (ALMEIDA, 2019, 111). Apesar deste trabalho se ater às relações entre corpo, memória e desejo no espaço público, não

há a intenção de extinguir o espaço privado deste processo, mas sim apontar as suas contradições (ALMEIDA, 2019, p. 68).

Cabe destacar também que, o processo de construção coletiva e de si pelo “direito ao aparecimento” (BUTLER, 2018) pode velar para *reorientar* o espaço a partir desse *corpo queer* (AHMED, 2006, p. 92). A medida que,

Tal processo, pressuposto pela reorientação *estranha* no espaço, decorre, na maioria das vezes, de uma exposição precária dos nossos corpos, sobretudo se considerarmos, interseccionalmente, as formas mais sutis de resistência diante da precariedade da vida, experienciadas no cotidiano em instáveis territorialidades [...] (RIBEIRO, 2010; TAVARES; BONADIO, 2021, p. 12).

Terceira fresta: memórias dissidentes no Recife

O doutor em sociologia Sergio Souza (2011, p. 1) afirma que as elites, desde o final do século XIX, buscam construir uma imagem de país “na mão única da história contida em sua concepção de progresso”. Nesta empreitada construiu-se uma concepção, quase sempre, destituída de toda historicidade, que

Reforça e sacraliza a história dos grupos hegemônicos, como se fosse uma história comum a todos os grupos sociais, visando estabelecer no plano simbólico uma unidade nacional capaz de ocultar as diferenças, os conflitos e a diversidade das experiências, componentes do processo de formação da sociedade brasileira (CUNHA, 1992, p. 10 apud SOUZA, 2011, p. 1).

Entre os grupos sociais que vão de encontro a essa sacralização da memória dos grupos dominantes, aparece a comunidade LGBTQIA+, que, negadas o direito à memória³⁸, o reivindicam através de suas aparições públicas. A seguir trarei analogias a partir das ideias de Souza (2011), que versa sobre história, memória e invisibilidade social da população negra no Brasil.

A invisibilização da população LGBTQIA+ pode ser percebida no processo constitutivo dos espaços urbanos, assim como ao analisarmos a história das cidades e como elas são contadas; carentes de representação e de memória nos espaços públicos para quem não se adequa à norma oficial.

Do feito que a historiografia oficial reproduz a história dos “vencedores”, cujo reconhecimento se dá também nos monumentos da cidade, de “referência única ao que se ensina nas escolas, se mostra aos turistas, se celebra nos feriados nacionais” (PAOLI, 1992, p.

³⁸ Termo que aparece entre as diretrizes (a de nº 23) do Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH-3 (BRASIL, 2009, p. 173).

1-2). O silenciamento e apagamento de outras narrativas reforça essa história que é reproduzida enquanto outras presenças, quando aparecem, são medidas e julgadas (PAOLI, 1992, p. 1-2).

A socióloga Maria Célia Paoli credita ao conflito e criatividade como critérios para “a consciência de um passado comum” (PAOLI, 1992, p. 2). Ambos os critérios são, em certo grau, inerentes às condições de vida da comunidade LGBTQIA+ e na luta pelo reconhecimento do direito à memória aceita-se “os riscos da diversidade, da ambigüidade das lembranças e esquecimentos, e mesmo das deformações variadas das demandas unilaterais” (PAOLI, 1992, p. 2).

A criatividade para a legitimação de demandas - a exemplo das Paradas do Orgulho - perpassam pela condição de subalternidade e que com isso a falta de representação para pautar suas demandas; é aí que os meios surgem novas engenharias para ter suas vozes ouvidas. Enquanto o conflito pode se expressar nas violências simbólicas³⁹ do cotidiano.

A relevância de estudos que abordem os grupos sociais marginalizados, como a comunidade LGBTQIA+, permite que sonhemos com uma sociedade em que o dito “moderno” “não negue o passado e o exercício da cidadania esteja ancorado em uma memória capaz de afirmar a diversidade e o conflito como dimensões constitutivas de nossa formação histórica” (CUNHA, 1992, p. 11 apud SOUZA. 2011. p. 3).

Sendo isto possível, será mais fácil compreender os processos e atores sociais que atuam nas batalhas pelo estabelecimento da memória (SOUZA, 2011, p. 3). Ao observar os binômios conflito/disputa e continuidade/estabilidade, trazidos por Souza (2011, p. 3), sob a lente das relações socioespaciais, as “condições de distinguir a memória oficial imposta pelos grupos hegemônicos e as memórias subterrâneas⁴⁰ dos grupos marginalizados” (SOUZA, 2011, p. 3) ficará mais nítida.

O que o sociólogo francês Michael Pollak acrescenta ao debate é a necessidade de analisar os fatos sociais pelo viés de “como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade” (POLLAK, 1989, p. 4), corroborando com o pensamento de Sérgio Souza (2011).

³⁹ O sociólogo francês Pierre Bourdier (1983) propõe a categoria de violência simbólica baseada nas relações de força e poder instituídas nas dinâmicas sociais, estruturadas de formas objetivas e subjetivas a fim de garantir um capital (econômico, cultural, social). De forma prática, o constrangimento ou a impossibilidade de vivência de sua sexualidade em um ambiente de trabalho, por exemplo, com medo de represália pode ser encarado como uma violência simbólica.

⁴⁰ Segundo Pollack (1989, p. 4), memórias subterrâneas são “memórias de culturas minoritárias e dominadas [que] se opõem à “memória oficial”. Apesar disso, coloco a cultura LGBTQIA+, assim como Souza (2011, p. 9) coloca as culturas negras como não apenas “[...] culturas minoritárias e dominadas, já que, por meio de sua força simbólica, estas culturas marcaram profundamente quase todos os aspectos da realidade sociocultural brasileira”.

A memória é dispositivo capaz de captar a (re)construção de trajetórias, ao que me interessa a de quem foi invisibilizado pela história oficial, onde assume-se então uma dupla postura: a “da resistência às tentativas dos grupos hegemônicos de destruição do outro e uma possibilidade de afirmação identitária dos ‘de baixo’ [‘subterrâneo’]”. Estes aspectos são evocados pela psicóloga e professora Ecléa Bosi, no trecho a seguir

Podem arrasar as casas, mudar o curso das ruas, as pedras mudam, mas como destruir os vínculos com que os homens se ligavam a elas? Podem suprimir sua direção, sua forma, seus aspectos, essas moradias, ruas e passagens. As pedras e os materiais não vos resistirão, diz HALBWACHS, mas os grupos resistirão, e, neles, e contra a resistência mesma, senão das pedras, ao menos de seus arranjos antigos que vos batereis. À resistência muda das coisas, à teimosia das pedras une-se a rebeldia da memória que as repõe em seu lugar (BOSI, 1994, p. 452).

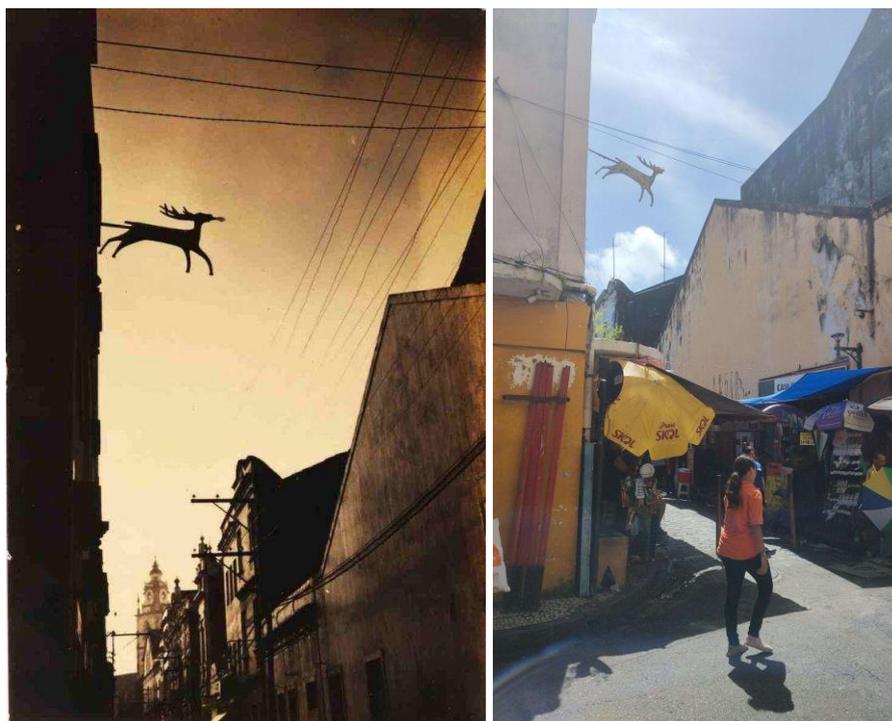
Trago então o conceito de memória a partir da análise de Souza (2011, p. 8), sendo ela o “conjunto de signos e símbolos compartilhados pelos grupos sociais, referências criadas ao longo do tempo e estabelecidas em determinados espaços, sendo estes últimos concebidos tanto em suas dimensões físicas quanto simbólicas [...]”. Suas dimensões físicas se materializam no espaço e nele (re)produzem esses signos e símbolos, pois

[...] É sobre o espaço, sobre o nosso espaço aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual [nem] sempre temos acesso, e que em todo caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças (HALBWACHS, 1990, p. 143).

Ao acessar essas lembranças a partir da minha vivência, trago a história por trás da Travessa de São Pedro. Localizada no bairro de Santo Antônio, a Travessa é popularmente conhecida como Beco do Veado Branco (Figura 7), ou apenas Beco do Veado. O nome do local veio da peça metálica branca de um veado instalada no cruzamento do beco com a Rua Direita, onde neste trecho existe um comércio de amoladores de tesouras e alicates de unhas.



Figura 7 - Peça metálica que nomeia o Beco do Veado Branco no Recife



Fontes: (Esq.) Villa Digital Fundaj (1940). (Dir.) Autoral (2022).

Legenda: Imagem à esquerda - detalhe da peça metálica no formato de um veado na década de 1940; Imagem à direita - mesma peça metálica em 2022.

Ao circular pelo beco, os comerciantes (quase todos homens cisheterossexuais) a todo momento tentam vender seus serviços às pessoas que passam, sendo o público feminino o único a quem eles se dirigem. Inserido no imaginário popular, há quem associe esse tipo de serviço apenas às mulheres e existe no senso comum a adoção de um tom jocoso ao relacionar a figura do animal⁴¹ que dá nome ao beco com a homossexualidade.

O documentário Guia Prático, Histórico e Sentimental da cidade do Recife (2008), livre adaptação do livro homônimo de Gilberto Freyre, mostra uma visão afetiva do Recife por seus moradores e entre as histórias contadas o Beco do Veado aparece. Citam um antigo morador do local, o costureiro Amaro e na recordação da infância do entrevistado disse que “hoje ele é homossexual, mas na época era viado” (GUIA Prático, 2008, *online*).

Ainda que haja a associação em tom pejorativo, o nome oficial do beco é preterido ao nome popular e a peça metálica com o veado pintado de branco representa um ponto de

⁴¹ Entre as possíveis origens dessa associação, a doutora em linguística Stela Danna aponta as palavras “desviado” (de uma normalidade) e “transviado”, usadas no período da ditadura militar (TESTONI, 2019, *online*). Ela complementa que a referência ao filme Bambi, de 1942, também pode estar nesse imaginário por “além de ter características ainda vistas como sinais de fragilidade e muitas vezes associadas ao feminino, os veados, durante o período de reprodução e sem poderem contar com uma fêmea, acabam depositando o esperma em outros veados” (TESTONI, 2019, *online*).

referência no cotidiano do centro da cidade, demonstrando como marcas (quase) imperceptíveis na paisagem têm força para identificar um lugar.

Os espaços públicos aqui traçados, as pontes, ruas, becos, avenidas, praças, entre outros, vão de encontro ao que o historiador francês Pierre Nora intitulou de “lugares de memória” (SOUZA, 2011, p. 6). Por esse termo, o autor traz que tais lugares foram “erigidos para concentrar o discurso hegemônico de forma absoluta, abolindo as diferenças e sem a necessidade de estabelecer referências na realidade [...]” (SOUZA, 2011, p. 6). Esses lugares

[...] são eles mesmos seu próprio referente, sinais que devolvem a si mesmos, sinais em estado puro. Não que não tenham conteúdo, presença física ou histórica; ao contrário. O que os faz lugares de memória é aquilo pelo que, exatamente, eles escapam da história. *Templum*: recorte no indeterminado do profano - espaço ou tempo, espaço e tempo - de um círculo no interior do qual tudo simboliza, tudo significa. Neste sentido, o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações (NORA, 1993, p. 27).

O trabalho com as literaturas de Carella (2011) e Silva (2021) também suscitam uma “possibilidade de reconstrução dos canais de expressão da memória das populações, contribuindo para superar a violência das ações dos grupos hegemônicos” (SOUZA, 2011, p. 5) ao passo que as narrativas dissidentes expressam suas vivências e experiências na cidade do Recife.

Tais experiências, consideradas proibidas e vergonhosas, mantidas sob a égide da moralidade passam despercebidas aos olhos vigilantes e punitivos ao passo que

[...] existem nas lembranças de uns e de outros, zonas de sombra, silêncios, “não ditos”. As fronteiras desses silêncios e não ditos com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Esta tipologia de discursos, de silêncios e também de alusões e metáforas é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz ou ao menos, de se expor a mal-entendidos (POLLAK, 1989, p.5).

Entre as histórias narradas nas literaturas, surgem a minha experiência e memória pessoal, uma auto-narrativa que sincroniza com as literaturas e nelas encontram-se interseções cujas proximidades e distanciamentos no espaço-tempo criam em mim novos sentidos e significados. Aposto então na existência dessas memórias coletivas que, mesmo heterogêneas, conectam-se às referências do grupo social LGBTQIA+ na cidade do Recife, ainda que destituídas de registro com a história dominante.

Ao estarmos imersos na sociedade, Bosi (1994) indica que a memória do indivíduo estaria amarrada a memória do grupo. E sendo a memória uma construção social, distinguir a memória do indivíduo do coletivo ao qual pertence - através do que a doutora em linguística Jane Guimarães Silva (2010, p. 616) aponta como “imbricamento de vozes sociais” - é a difícil

tarefa do narrador de “gerenciar as múltiplas vozes que intermediam o escrever sobre si” (TEIXEIRA, 2013, p. 2).

Assumo esse papel de narrador, ciente que a memória dos corpos dissidentes é um fator importante para formação de espaços mais inclusivos, ao passo que os espaços eles atraem/repelem, abrigam/refugiam e (des)estimulam a (con)vivência. (Não só) Em Recife, a “sexualidade dissidente produz significados, interpelações, memórias e territórios físicos e subjetivos” (TEIXEIRA, 2013, p. 3).

Fica então evidente a necessidade do reconhecimento ao caráter insurgente e subversivo das memórias subterrâneas, as quais, “de maneira quase imperceptível, no silêncio, [resistiram] ao excesso de discursos e à doutrinação ideológica da memória oficial” (SOUZA, 2011, p. 8). Desta forma será possível atingir uma “pluralidade dos tempos e espaços que representam suportes fundamentais para o estabelecimento das culturas dos segmentos sociais subalternizados” (SOUZA, 2011, p. 6-7).

Essa mudança de paradigma, que muito nos é caro, vem para “desenterrar” as memórias desses grupos, estabelecendo uma “nova territorialização” dos espaços urbanos, reinventando lugares próprios de memória onde antes o viver, celebrar e as a(fe)tivações eram/são ocultados; do estranhamento e heteronomia (SOUZA, 2011, p. 6-7) à cidadania.

Compreendendo que a arquitetura tem o poder de manipular espaços e as relações dos corpos, a própria experimentação de suas vivências e sexualidades está nas percepções que teriam de si e do espaço circundante (TEIXEIRA, 2013, p. 4). As apreensões da cidade LGBTQIA+ do Recife continuarão a tomar forma nas próximas *frestas*.

Quarta fresta: (ar)recife de desejos

A cidade é um mapa de hierarquias de desejos, do valorizado ao estigmatizado. É dividida em zonas ditadas pela maneira que seus cidadãos valorizam ou relegam suas necessidades. A separação da cidade em áreas especializadas faz possível o encontro das necessidades de forma mais eficiente: e também é uma tentativa de reduzir conflitos entre diferentes campos de desejos e papéis que as pessoas adotam na tentativa de realizar esses desejos (CALIFIA, 1994, p. 216 apud TEIXEIRA, 2013, p. 28, tradução do autor).

Na busca por definições que estabelecesse a visão que eu queria para este trabalho, a que mais se assimilou foi a trazida por Rolnik e Guattari, no livro *Micropolítica: cartografias do desejo* (1996). A autora e o autor denominaram desejo como “[...] todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra

sociedade, outras percepções de mundo, outros sistemas de valores” (ROLNIK; GUATTARI, 1996, p. 215-216).

O desejo vai além do considerado “[...] secreto ou vergonhoso como toda a psicologia e moral dominantes pretendem” (ROLNIK; GUATTARI, 1996, p. 215). A autora e o autor tecem críticas aos modos pragmáticos de análise do desejo, que o identificam como “algo da ordem do instinto animal, ou de uma pulsão funcionando segundo modos semióticos totalmente heterogêneos em relação aos de uma prática social” (ROLNIK; GUATTARI, 1996, p. 216). Consideram ainda que “o desejo é sempre o modo de produção de algo, o desejo é sempre o modo de construção de algo” (ROLNIK; GUATTARI, 1996, p. 216) e por isso não deve ser posto em quadros reguladores.

Não deixemos de considerar também, na psicologia e psicanálise, que o desejo pode ser também a libido, a excitação, a vontade sem, todavia, deixar de observar que

a questão consiste em saber se não há uma outra maneira de ver e praticar as coisas, se não há meios de fabricar outras realidades, outros referenciais, que não tenham essa posição castradora em relação ao desejo, a qual lhe atribui toda uma aura de vergonha, toda essa espécie de clima de culpabilização que faz com o desejo só possa se insinuar, se infiltrar secretamente, sempre vívido na clandestinidade, na impotência e na repressão (ROLNIK; GUATTARI, 1996, p. 216).

É no convívio no espaço urbano que nossos entendimentos sobre sexualidades são desenvolvidos e desempenhados, pelo menos é esse o entendimento do arquiteto e urbanista Marcelo Teixeira (2013) ao qual compartilho da mesma afirmação. Recife, assim como outras cidades, é palco onde os preconceitos são praticados e/ou enfrentados, onde os desejos são permitidos, configurados ou reprimidos e onde as sexualidades são mais policiadas, expostas, comercializadas e manipuladas (TEIXEIRA, 2013, p. 30).

Consideramos assim, que a sexualidade pode ser uma “formação espacial”, visto que os “corpos são sexualizados à medida que se estendem no espaço” (AHMED, 2006, p. 99, tradução minha). Os guetos⁴² LGBTQIA+ do Recife são frutos das “memórias construídas espacialmente pela experiência das próprias cismas em relação ao espaço heterossexualizado circundante” (TEIXEIRA, 2013, p. 3).

A projeção, representação e desempenho dos desejos na cidade envolvem não só as encruzilhadas de raça, gênero, classe, sexualidades, faixa etária e ainda a localização dos corpos dissidentes na cidade, mas também outros atravessamentos, como religião, política e cultura (TEIXEIRA, 2013, p. 15).

⁴² “[...] o gueto revela-se como um dispositivo sócio-organizador composto de quatro elementos (estigma, limite, confinamento espacial e encapsulamento institucional) que emprega o espaço para reconciliar seus dois propósitos contraditórios: exploração econômica e ostracismo social” (WACQUANT, 2004, p. 155). Para compreender melhor o “gueto gay”, consultar o artigo de Bruno Puccinelli (2014).

Apesar disso, são constantes as ações repressivas do Estado ou de “pessoas de bem”. Para o sociólogo alemão Herbert Marcuse (1968 apud TEIXEIRA, 2013, p. 35), as “novas e constantes formas de repressão sexual atuam nas cidades, em permanente re-territorialização⁴³, supressão e liberação de parcelas dos espaços urbanos frequentados pelos corpos dissidentes”. Essa supressão costuma vir atrelada ao discurso de “revitalização, segurança e qualidade de vida”, quando bem sabemos o caráter *LGBTfóbico* de algumas dessas ações.

Para Rolnik e Guattari (1996) os processos de marginalização atravessam o conjunto da sociedade e para isso existem duas formas: as terminais (prisões, manicômios etc) e as modernistas (esquadrinhamento social). Ambos esses processos vertem para uma mesma visão de “miséria, de desespero, de abandono à fatalidade” (ROLNIK; GUATTARI, 1996, p. 75). À medida que existe um outro lado, o que “representam não só os pólos de resistência, mas potencialidades de processos de transformação, suscetíveis, numa etapa ou outra, de serem retomados por setores inteiros das massas” (ROLNIK; GUATTARI, 1996, p. 75).

A guetificação dos espaços ocupados por LGBTQIA+ também se encontra dentro do “confronto entre a cidade noturna e a diurna, indicando que a geografia moral teria temporalidades específicas dotadas de significados distintos” (TEIXEIRA, 2013, p. 39). Enquanto a noite oferece os “espaços escuros dos meretrícios e da imoralidade [...] o dia os espaços salubres e moralizadores da família e do trabalho” (TEIXEIRA, 2013, p. 39).

O livro-diário *Orgia* (2011) do argentino Lúcio Ginarte (pseudônimo para o autor Tulio Carella), retrata em tom confessional a cidade homoerótica do Recife primeiros anos da década de 1960. O confronto da dualidade dia e noite está presente no contexto recifense a partir de uma passagem do livro, “onde aqueles que têm certa perícia em prostibular vão à zona do porto, no Recife ‘Antigo’, “onde abundam as rameiras quando a noite avança” (CARELLA, 2011, p. 101).

Tal trecho confirma a visão do próprio autor com relação à dicotomia entre as áreas da cidade do Recife e seus usos, que reproduzem e deixam rastros de desejos nos territórios, ao relatar em seu diário

QUINTA-FEIRA – King-Kong me leva ao porto [bairro do Recife “Antigo”], onde a vida tem uma intensidade sombria, muito mais variada do que a do centro. Na

⁴³ “No que se refere à territorialização [no sentido *deleuze-guatariano*], em um de seus modos, esta pode ser uma forma de criação de territórios existenciais, a continuidade de um plano sobre outro, a qual se amplia as funções territoriais já estabelecidas. Neste processo, quando se abandona um território (que pode ser auto-referente), essa operação de linha de fuga, esse movimento, pode ser entendida como uma desterritorialização onde se apreende territórios-outros. Uma desterritorialização é inseparável de re-territorializações correlativas e, nesse sentido, re-territorialização seria o movimento de retorno para a territorialização, o fluxo de captura, uma volta aos processos territoriais iniciados no primeiro fluxo” (ARAÚJO, 2008, p. 32-33).

realidade, poderia dizer-se que a cidade está dividida em duas partes: a hetero [sic] e a homossexual, o porto [Recife “Antigo”] e o centro [bairros de São José e Santo Antônio]. Mostra-me os locais mais afamados onde se dança e joga. Também há um bairro de efeminados⁴⁴, perto da ponte giratória, como em Paris. Ele nunca esteve em Paris, mas conhece os costumes sexuais de todo mundo (CARELLA, 2011, p. 115).

Para manter o controle das pessoas ao modo de produção capitalista e cis-heteronormativo, o filósofo francês Félix Guattari (1987, p. 64) aponta que “laços quase invisíveis” agem de forma mais eficiente na medida em que elas investem em normas e condutas de modo inconsciente.

Ainda que se tenha o uso de força através da truculência do aparato policial ao reagir a manifestações ou condutas consideradas fora da norma, a condução por instituições operam para uma repressão “interiorizada [mas não suavizada] ao longo dos anos” (GUATTARI, 1987, p. 64) dos corpos LGBTQIA+.

Apesar de todos os processos de repressão da constância e presença de corpos dissidentes na cidade do Recife, existem as condições que esses espaços públicos oferecem para que seu uso se perpetue, como: “disponibilidade de corpos, anonimato, impessoalidade, permeabilidade (fácil acesso e fuga), escuridão” (TEIXEIRA, 2013, p. 48). Ainda que existam em maior abundância espaços privados (bares, saunas, cinemas pornô etc) que ofereçam essas ou outras condições.

A fronteira das sexualidades e privacidade são então tensionadas à (meia) luz dos espaços públicos, onde “há um falso entendimento de que a sexualidade diz respeito ao privado, este que naturaliza os gêneros e as sexualidades consideradas normais: na arquitetura, na publicidade, no planejamento de uma cidade, nos códigos de acesso aos lugares” (ALMEIDA, 2019, p. 69).

É comum que os espaços aos quais esse trabalho se debruça sejam lidos como “espaços invisíveis, efêmeros e não documentados⁴⁵” (TEIXEIRA, 2013, p. 49), mesmo que estejam inseridos no cotidiano da sociedade. A invisibilidade se dá por meios subjetivos de leitura de espaço entre quem encontra-se fora da norma, enquanto a efemeridade pelo encontro - quase que sempre - casual e espontâneo.

⁴⁴ “Entendidos”, “bibas”, “bichas”, “invertidos”, “efeminados”, “maricas” e “bofes” = Termos êmicos que se referem à homossexualidade, sendo que “entendido” se aproxima mais da ideia de gay “masculino”, viril e “bem-resolvido”, enquanto os termos “efeminados/afeminados”, “biba”, “marica” e “bicha” enfatizam a efeminação e são mais pejorativos. Curiosamente, este último, junto com “viado”, se mantêm-se no léxico das ruas, enquanto o termo “entendido” e “invertido” é cada vez mais raro de ser ouvido.

⁴⁵ Existe uma linha tênue na definição do que é possível ser revelado, tendo em vista que muitas das relações e demonstrações de afeto e desejo entre corpos dissidentes recaem sobre o anonimato e assim o devem permanecer. Paradoxalmente, a visibilidade do anonimato das relações homoafetivas também deixam suas marcas na cidade do Recife.



Atribuindo a construção de significados eróticos a locais do Recife como o Parque Treze de Maio no bairro de Santo Amaro, através dos relatos de Carella (2011), é possível afirmar o local dentro da matriz regulatória de uso dos espaços públicos recifenses. Parques públicos são

[...] a priori, espaços disciplinares, nos quais determinadas formas oficiais de contato com a natureza são autorizadas, experimentadas e incentivadas. Dessa maneira, a apropriação sexual dos parques (seja por homossexuais ou práticas heterossexuais não convencionais) seria não só uma rebelião contra o uso sancionado oficial como também uma “democratização” da experimentação da natureza presente nestes espaços (MORTIMER-SANDILANDS; ERICKSON, 2010 apud TEIXEIRA, 2013, p. 53, tradução do autor).

Esse imaginário é possível graças ao processo de construção social dos significados eróticos que o espaço carrega. O próprio flerte ou jogo de sedução requer que a configuração espacial e arquitetônica seja favorável, pois é também o espaço que define condutas, induz desejos, desempenha identidades⁴⁶ e congrega corpos dissidentes (TEIXEIRA, 2013, p. 48). Há então uma inegável intersecção da arquitetura com as sexualidades na formação desses espaços pseudo-secretos.

São constantes os relatos nas literaturas sobre os locais que hoje se denominam de *cruising*⁴⁷ (ou caça, em português), com o mesmo sentido de um termo mais coloquial: “pegação”. Quem passa despercebido não nota os sinais e signos distintos que são característicos a seus praticantes. Desta forma, inventam-se outros meios de circular nos espaços públicos, inscrevendo na cidade todas as significações e signos possíveis (PAOLI, 1992, p. 2).

Em *Três Rapazes e um Quarto* (2021) o escritor pernambucano Biu da Silva, assim como Túlio Carella, explorou as territorialidades onde a homoafetividade era desejada e “permitida” no Recife. A consolidação de alguns locais como polos/nichos ou guetos LGBTQIA+ partiram desses usos de outrora que marcaram bairros, praças, avenidas, ruas e becos.



É o caso do polígono compreendido pelos empreendimentos Meu Kaso Bar (MKB) (Figura 8), Nosso Jeito Bar e Confraria dos Ursos, retratados por Silva (2021), no bairro da Boa Vista.

⁴⁶ O autor traz em seu texto a ideia de *identidades corpóreas* e de como os corpos “[...] seriam impactados pelo ambiente construído, que, por sua vez, seriam moldados pelos corpos sexuados sob a atuação de diversas forças, como capitalismo, heteronormatividade e repressão sexual. Essas forças não só configurariam as identidades corpóreas, mas também larga escala de espaços, desde os domésticos e os urbanos aos geopolíticos internacionais” (TEIXEIRA, 2013, p. 6).

⁴⁷ Prática de procura por parceiros sexuais, em geral, anônimos e rápidos, em espaços públicos e/ou de acesso público como praças, parques, becos, portos e em banheiros (quase sempre públicos).

Figura 8 - Meu Kaso Bar (MKB)



A MKB (fechada hoje) era frequentada "[...] por toda tipo de gente, em especial por gays, travestis suburbanos, lésbicas e as inevitáveis papa-frangos, famosa popular de designar jovens de bairros da periferia ou de favelas que saem com gays" (SILVA, 2021, p. 13).

Fonte: Adaptado *Facebook* Meu Kaso Bar, 2013.

No contexto da virada da primeira para a segunda década do século XXI, apesar de haver uma abertura para as relações homoafetivas a partir das várias conquistas da comunidade LGBTQIA+, ainda havia (e há) quem não pudesse dizer que frequentava uma boate voltada para esse público. Esse caso é descrito por Silva (2021), onde os papa-frangos “[...] deviam sair de casa dizendo à família que iam ao Mortal Kombat, forma dos garotos do subúrbio chamarem o MKB para não dar vista que eles iam a uma boate gay” (SILVA, 2021, p. 16).

Completando os outros estabelecimentos circundantes ao MKB, ambos encontram-se fechados há alguns anos, assim como o MKB. O Nosso Jeito Bar era mais frequentado por lésbicas enquanto o Confraria dos Ursos⁴⁸ por gays. A vida noturna ela se desprendia dos estabelecimentos e também impregnava seus entornos, criando uma vida e outras formas de nomenclaturas dos espaços a partir de quem o frequenta, como relata Silva (2021)

Enquanto esperávamos, eu observava o vai-vém intenso em frente à boate [MKB] repleta de barracas de lanches e bebidas espalhadas em torno da pracinha próxima à entrada da casa noturna, na confluência da rua do Riachuelo com a rua Corredor do Bispo, agora chamada pela comunidade gay de “Corredor da Bicha”. A denominação surgiu pela quantidade de rapazes alegres em circulação por ela, vindos da avenida Conde da Boa Vista tanto para ir ao MKB, quanto ao Nosso Jeito Bar, à Confraria dos Ursos, à Sauna 111 ou ao Cine Boa Vista, um cinema de pegação (SILVA, 2021, p. 14).

Nestor Perlongher já sinalizava em seu livro “O negócio do michê: A prostituição viril em São Paulo” (1987), como estava imbricada as relações da sexualidade com o espaço. Silva (2021) traz a avenida Oliveira Lima (atual rua do Riachuelo) como ponto de trabalho de michês

⁴⁸ Forma como a comunidade gay designa homens gordos e peludos.

e travestis (estas últimas no cruzamento com a rua Gervásio Pires). Essa presença de profissionais do sexo em espaços públicos do bairro da Boa Vista demonstra às autoridades que o controle delas sobre a cidade não está completo, “[...] fazendo essas autoridades contestarem permanentemente essas áreas sob diversos discursos: segurança pública, requalificação urbana e atualização de layouts” (HUBBARD, 2012, p. 41 apud TEIXEIRA, 2013, p. 53, tradução do autor).

Como o bairro da Boa Vista é conhecido pelos seus núcleos LGBTQIA+, outros empreendimentos no bairro, além dos que foram lembrados por mim, aparecem no itinerário de Diógenes, personagem principal de *Três Rapazes e um Quarto* (2021). O *shopping* Boa Vista é um deles. Apelidado de *shopping* “Boa Bicha”, pela frequência do público LGBTQIA+ e uso não só das lojas e praça de alimentação, mas também dos banheiros para a prática conhecida como “banheirão”⁴⁹.

Por estar numa das vias de maior fluxo de pedestres e de transporte público da cidade (avenida Conde da Boa Vista), no entorno do *shopping*

“[...] em frente à entrada lateral [do *shopping*] eram impressionantes os ti ti ti e quantidade de casais de bichinhas jovens ou de lésbicas enlaçadas uma na outra e aos beijos. O frege se estendia até o bar *Pittyhouse*, na rua do Giriquiti, e ao Mustang, na esquina da avenida Conde da Boa Vista” (SILVA, 2021, p. 59).

Seguindo pela avenida Conde da Boa Vista, em busca do fervero nas ruas do carnaval recifense. A festa do maior bloco de carnaval do mundo, o Galo da Madrugada, acontece no sábado de Zé Pereira, arrastando uma multidão pelas ruas do centro do Recife (Figura 9). Silva (2021), em um desses carnavais, traz que

⁴⁹ Prática de masturbação ou sexo entre homens em banheiros públicos, como os de parques, praças, estações de metrô, rodoviárias, *shoppings* etc.

Figura 9 - Carnaval do Recife no sábado do Galo da Madrugada

[...] é medida que a dia avança e a multidão fica cada vez mais bêbada, e ‘muvuca’ cresce e as mais frenéticas se aproximam das lugares onde a pegada carrega saltar. A parte de trás das armaduras das arquibancadas por onde passam as trias, as torçoras de edifícios em abris, as fundas das barracas e as bancas, transformam-se num misto de banheira e local para [...] fazer coisas mais ausadas (SILVA, 2021, p. 112).



Fonte: Adaptado de Marlon Costa/Pernambuco Press (2020).

Foi no carnaval de 2018 que aconteceu, no palco do *RecBeat* no Cais da Alfândega, o show do artista pernambucano Johnny Hooker (Figura 10). Esse show foi uma congregação de vários corpos LGBTQIA+ para cantar os clássicos “Amor Marginal” (2012), “Volta” (2015) e mostrar que é possível “Amar sem Temer”, como diz a música “Flutua” (2017).

Figura 10 - Show de Johnny Hooker no *RecBeat* (2018)

Show da artista pernambucana Johnny Hooker, na carnival de 2018 - palco da *RecBeat*. Esse palco fica no Cais da Alfândega e é voltado para artistas “alternativas” ao longo das dias de carnival. Na telão, é possível ler a frase “Amar sem Temer”, referência (também) ao galpão Michel Temer.



Fonte: Adaptado de Araújo, 2018.

Aqui abro um parêntese para falar brevemente acerca do fervero, onde combino as visões de Silva (2019) e Quinalha (2021) para definir o fervero como uma ferramenta de sociabilidades e de mobilização política. As ações e espaços que fomentam o fervero produzem também uma “[...] narrativa afirmativa e reparatória, que desloca os reconhecimentos sobre uma série de cidadanias subalternizadas e realça as identificações coletivas” (SILVA, 2019, p. 167).

O fervo inicialmente ocupava apenas os espaços privados dos bares e da cena noturna, os guetos, sem, contudo, dissociar a festa, a paquera e a diversão da mobilização política. No Brasil, vemos exemplos da mobilização e importância da cena noturna paulista na obra de Nestor Perlongher (1987), bem como Edward MacRae (1983) que

Nos demonstra a potência que os deslocamentos de homossexuais no território do centro de São Paulo tiveram na construção da identidade homossexual no final dos anos 1970. Ao mesmo tempo, ele nos mostra como tal fator [fervo] foi determinante para a organização dos primeiros grupos de homossexuais [...] (SILVA, 2019, p. 165).

Temos na f(r)esta do carnaval, assim como nas Paradas do Orgulho, momentos que auxiliam para a superação das fronteiras regulatórias da norma hegemônica. O advogado e ativista dos direitos humanos Renan Quinalha (2021) exalta a resistência de locais que ofereciam suporte para a comunidade LGBTQIA+ em tempos de forte repressão da ditadura militar e aponta que são cíclicas a alternância de movimentos conservadores com movimentos progressistas e de maior liberdade.

Na mesma linha do carnaval de unir o fervo com manifestação política, o Movimento Negro Unificado (MNU) de Pernambuco realiza há mais de 20 anos no mês da Consciência Negra as “Terças Negras”. É um projeto político, cultural e religioso, que abre alas para diversos grupos se apresentarem no Pátio de São Pedro, onde Silva (2021, p. 167) retratou a presença de “bibas e travestis” nos dias que tinha apresentação de bandas de *reggae*; o “Sábado da Diversidade”, retratado na *primeira festa*, reforça a ideia do Pátio como sendo um espaço permitido e ligado à memória LGBTQIA+ do Recife.

A expressão disso é o que podemos considerar como uma memória sedutora, que adentra, ocupa espaços públicos, estes muitas vezes interditados a este trânsito transgressor, e deles se apropria simbolicamente, “num jogo de aparências, de espetáculo e de sedução, tendo como recurso sua plasticidade simbólica, realizando-se assim seu caráter de subversão” (SOUZA, 2011, p. 10).

A boemia recifense também esteve marcada nos caminhos desviados percorridos por Silva (2021) e Carella (2011). Os bares da Galega e Central, experienciados por Diógenes, e o bar Deserto por Lúcio acrescentam-se ao Bar do Céu, por mim frequentado. Os quatro locais estavam/estão presentes no imaginário dos territórios dissidentes do Recife, sem contar os tantos outros que existem fora da área de estudo⁵⁰.

⁵⁰ A exemplo do Kibe Lanches, bar localizado no bairro do Pina no Recife, fora da área de estudo. Apesar disso, é mencionado no livro de Silva (2021), descrevendo o local: “o proprietário era um homem moreno gordo e de baixa estatura conhecido como ‘o Barão’. Na parte exposta para a rua era um bar como outro qualquer, mas nos fundos do estabelecimento havia um salão com um pequeno palco e algumas mesas que, nas madrugadas das sextas, transformavam-se num cabaré com shows de transformistas e um concurso de *boys* com o sugestivo título



Enquanto o bar Central era (e ainda é) “frequentado por gays intelectuais” (SILVA, 2021, p. 151), o bar da Galega era localizado nos *boxes* existentes junto ao terminal de ônibus do cais de Santa Rita e “[...] depois das dez da noite até a madrugada, fervia. Bibas, travestis, papa-frangos, assaltantes, prostitutas, toda sorte de gente aparecia lá” (SILVA, 2021, p. 28).



O Bar do Céu, antigo Santo Bar, é um espaço que dispõe de shows e festas que agitam o “quartirão LGBT” da cidade, no bairro da Boa Vista. Ao mesmo tempo que o ferve se concentrava no entorno do MKB, Nosso Jeito Bar e Confraria dos Ursos, também havia público nos bares e boates do cruzamento da Rua das Ninfas com a Avenida Manoel Borba. O Clube Metrôpole, Conchittas Bar e Bar do Céu, junto com outros estabelecimentos do entorno, formam o que o arquiteto e urbanista Felipe Gonçalves (2017) chamou de “Mancha Metrôpoles”.

O bar Deserto, frequentado por Lúcio Ginarte, foi muito mencionado na obra de Carella devido ao uso do mictório como “[...] uma espécie de quarto de encontros” (CARELLA, 2011, p. 185). Ao passo que é considerado um espaço reservado para as necessidades fisiológicas apenas, os banheiros masculinos também são caracterizados por uma arquitetura falocêntrica, visto que o pênis é ostentado no mictório, publicamente.

No caso do mictório do bar Deserto, disposto como uma “pia de azulejos brancos, sem divisões” (CARELLA, 2011, p. 75), era comum a busca por um prazer rápido e anônimo entre transeuntes. A “mercadoria” fálica era exposta por quem passava e a fugacidade do uso cotidiano desses espaços, permitiu que nele fossem (e ainda sejam) possíveis essas práticas sexuais, já que nem todos percebem a movimentação entre usuários na frente dos mictórios e nas cabines.



Essa prática (“banheirão”) não é exclusiva da década de 1960 e nem apenas do bar Deserto. Silva (2021) também relata a prática em outros locais como a Sede dos Correios do Recife, os banheiros do Mercado de São José, os das proximidades do Pátio de São Pedro e de *shoppings* como sendo parte dessa “peregrinação erótica” (SILVA, 2021, p. 146) pelo Recife. Tais locais permitem o que Carella (2011, p. 84) chamou de “relações espermáticas”. Ao passo que Carella identificou que em Recife a pederastia⁵¹ era algo difundido. Dessas relações, questionou-se como seriam suas vidas além dos seus atos, visto que

Um encontro na rua é apenas o leve atrito de dois trajés. Não há nenhuma profundidade. Necessitam de um corpo semelhante, ainda que o neguem, o dissimulem, ou peçam dinheiro para justificar o desejo. O sexo é como um alcaolide

de ‘As Rolinhas do Barão’” (SILVA, 2021, 35-36). Para saber mais sobre o bar, assistir o documentário (2017) de mesmo nome disponível em: <https://vimeo.com/277375743>.

⁵¹ Prática sexual entre homens.

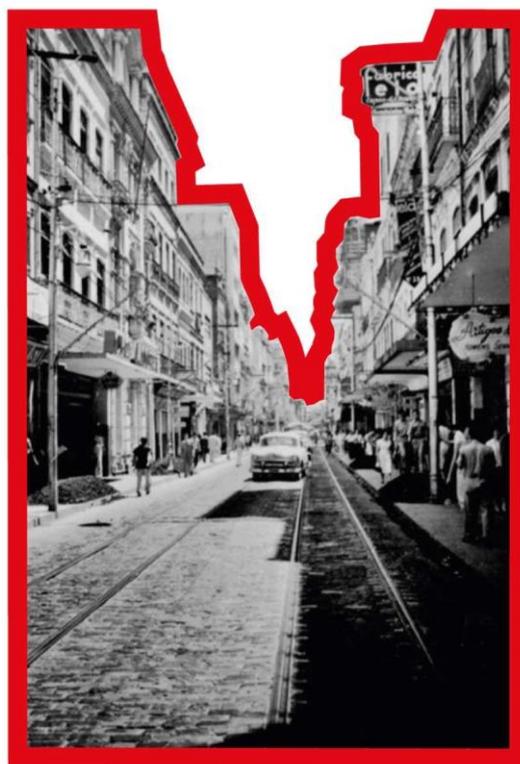
para eles. Ao desejo físico acrescentam-se muitos elementos (CARELLA, 2011, p. 128).

Esses encontros nas ruas, muitas vezes à convite através da manipulação do órgão genital, era uma busca por corpos para se apoiarem onde para o autor as práticas de *franela*⁵² “são dificilmente considerados aqui como um ato ofensivo, ao contrário, agradece-se o desejo alheio, mesmo que sem intenção de satisfazê-lo: é uma espécie de homenagem, que recebem agradecidos” (CARELLA, 2011, p. 230-231). Não era incomum então que nas ruas da cidade a *franela* fosse um ato cotidiano, a exemplo de um relato de Carella (Figura 11), onde

Figura 11 - Rua da Imperatriz na década de 1950



“ə pæsser pələ ruə də Imperə-
triz, um oficiəl das fuzileiras
nəvəis se colocə de təl mənēirə
que minhə mǎo [ə] raçə [...] quənda pæssə. - Ə que me ətrəi
na Récife é ə ətmasferə marəl,
ou melhar, imorəl” (CARELLA,
2011, p. 168).



Fonte: Adaptado de Tibor Jablonsky/IBGE (1957).

Nessa incursão por outros locais onde a sexualidade se aflorava, a Rua da Saudade se tornava palco de constantes investidas eróticas:

[...] O outro invertido se insinua, mas ele não lhe dá bola. Seu próximo objetivo sou eu. Quando vê que o olho, dirige-se novamente para a escuridão da rua da Saudade e volta a cabeça para ver se o siga. Como hipnotizado sigo-o [...] (CARELLA, 2011, p. 231).

Um rapaz se dirige para a rua da Saudade. Algo faz com que me aproxime da esquina e olhe contra a luz: vejo-o como uma sombra a mais aderida ao tronco de uma árvore.

⁵² “No lunfardo (gíria da malandragem portenha), *franela* (flanela) são as carícias e os jogos amorosos cuja única finalidade é excitar-se, sem passar ao ato sexual” (CARELLA, 2011, p. 83).

Não urina, não se move, fica ali, espera. Aproximo-me cautelosamente [...] (CARELLA, 2011, p. 263)

As pontes do Recife, símbolos da cidade, também foram percorridas no itinerário de desejos do argentino. A intimidade se dava ao fluxo de pessoas e veículos, ao passo que as águas do rio Capibaribe, que passam pelas pontes Princesa Isabel, Maurício de Nassau e Buarque de Macedo (Figura 12) carregavam os desejos de Lúcio Ginarte.

Figura 12 - Ponte Buarque de Macedo na década de 1960

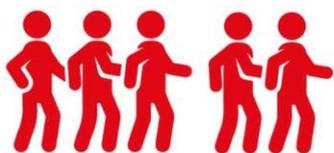


Edson é experimentada [beira as quarenta anos] [...] Chegamos à outra ponte, a Buarque de Macedo: está deserta, sem cantar as ônibus que a atravessam ruidosamente. Aproximamo-nas na balaustrada para continuar a conversar. [...] Por sua maneira de tocar-me, e a faz com ternura paternal, compreenda que é um experimentada conhecedor das pantas excitantes. [...] A passagem de um veículo a afasta de mim. Reaja e empreendamos a caminhada de volta (CARELLA, 2011, p. 113).

Fonte: Adaptado do grupo de *Facebook Recife de Antigamente* (~1960).

Próximo à ponte Buarque de Macedo, pela avenida Martins de Barros, sucedem “[...] as manobras dos jovens que o assediam. Passam, voltam a passar, olham-no de frente ou de lado, tocam no sexo, num oferecimento mudo, ou metem as mãos nos bolsos para que as calças fiquem mais apertadas [...]” (CARELLA, 2011, p. 74). Seguindo (Figura 13),

Figura 13 - Praça Dezessete (à direita) na década de 1950



“à noite, a rua Duque de Caxias é ponto de reunião de homossexuais, que dão uma volta pela praça Dezessete, Cais de Santa Rita, e voltam pela rua 1º de Março” (CARELLA, 2011, p. 225).



Fonte: Adaptado do Acervo Antônio Oliveira (~1950).

Tal “cortejo”, ao qual Carella faz parte, compõe “[...] essa atmosfera lasciva que caracteriza toda a grande cidade, [que] os atrai e quase sempre os retém” (CARELLA, 2011, p. 119). Sendo a realidade do Recife, e de tantas outras cidades, é a de “[...] desejo que não pode concretizar-se entre quatro paredes, mas num lugar escuro, num portal afastado, nem sempre cômodo nem solitário” (CARELLA, 2011, p. 230). Quando o desejo se consumava no ato sexual, Carella observava que

O sexo tem aqui uma satisfação parcial, nunca total. [Os homens] fazem isto de uma maneira impessoal - pelo menos assim me parece -, e logo em seguida se esquecem do que fizeram. Têm interesse no dinheiro, mas isto também é epidérmico. Quase sempre procuram tirar algum proveito, embora pequeno: uma cerveja, uma entrada no cinema, cigarros. Mas fazem amor porque lhes interessa o amor em si. Não têm remorsos nem intenções ocultas, como acontece em países que pensam ser mais civilizados. Em Buenos Aires ou em Paris um encontro desta espécie pode terminar em assalto, roubo, crime. Gostam de tentar o invertido e depois torturá-lo: há um sadismo constante nas relações homossexuais. O orgasmo não lhes proporciona calma, gratidão, mas raiva, despeito, porque não são maduros (CARELLA, 2011, p. 230)

Dessa forma, os percursos que envolveram os dois personagens demonstram que “aqui [no Recife] se encontra sem véus o rosto gracioso e, ao mesmo tempo, austero do desejo, do cego instinto sexual; tudo é força erótica, contato corporal, Vênus deitada, Urano nas esquinas” (CARELLA, 2011, p. 89). A transição temporal pouco mudou os ares de desejo da capital pernambucana.

Quinta fresta: cartografia dos desejos homoafetivos recifenses

Localizar significa mostrar o lugar. Quer dizer, além disto, reparar no lugar. Ambas as coisas, mostrar o lugar e reparar no lugar, são os passos preparatórios de uma localização. Mas é muita ousadia que nos conformemos com os passos preparatórios. A localização termina, como corresponde a todo método intelectual, na interrogação que pergunta pela situação do lugar (HEIDEGGER, 1998, s/ p.)

Entre as inúmeras definições sobre mapa, mapeamento e cartografia, trago a seguir algumas definições dessas palavras-chave, a começar com a definição mapa e mapeamento dos arquitetos e urbanistas Leo Name e Oswaldo Carrillo (2019, *online*), onde “os mapas jamais tratam da realidade em si: na verdade elaboram discursos e representações inteligíveis a respeito do espaço, com uma determinada intenção. Mapas e mapeamentos descrevem dados do real, mas certamente também inscrevem dados no real [...]”.

Alinhado à representação do espaço “visto de cima, livre das tensões e conflitos que se dão ao nível do solo” (NAME; CARRILLO, 2019, *online*), os mapas - qualquer que seja a escala - não dão a real dimensão mesmo quando explicitam conflitos ou revelam grupos socialmente excluídos; mantendo assim suas práticas invisibilizadas.

Name e Carrillo (2019, *online*) ainda afirmam que ao representar essas realidades, os mapas “podem ser veemente contestados por grupos hegemônicos; ou podem, ainda, celebrar a violência e naturalizar hierarquias e subalternidades”; eis que se assinala o processo de guetificação das minorias. Dessa forma, interessa-me superar a estaticidade presente nos mapas tradicionais e dar significados ao jogar luz em espaços historicamente apagados e que fazem parte do imaginário das pessoas LGBTQIA+ do Recife.

Compreendendo a necessidade de uso de outras técnicas e meios de expressão e representação, o estado da arte - principalmente no campo da Geografia - vem apontando que tanto os mapas mais tradicionais quanto os recursos contemporâneos de mapeamentos (Sistemas de Informação Geográfica - SIG⁵³) fizeram com que “determinadas representações de territórios – com determinadas intenções de poder – mantenham-se legitimadas como fiéis descrições da realidade” (NAME; CARRILLO, 2019, *online*).

Por outro lado, a psicanalista e escritora, Suely Rolnik (2011), traz a abordagem de geógrafos para a cartografia e também a analisa como sendo

Um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. À cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda, de sentido - e a formação de outros mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos (ROLNIK, 2011, p. 23).

Entre as muitas atribuições na construção deste trabalho - dentre elas a de militante e aspirante a arquiteto e urbanista - assumo também a de cartógrafo para “dar língua para afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 2011, p. 23). Foi nas narrativas urbanas dissidentes

⁵³ A exemplo do *Google Maps*.

atravessadas pelas minhas vivências e mergulhado na intensidade do meu tempo que pude conceber uma composição de cartografia possível.

Não existindo cartografia sem território (ROLNIK, 2011, p. 46), o que busco é a produção das a(fe)tivações no território recifense, em sua escala material, semiótica e social (ROLNIK, 2011, p. 46). Neste caso,

[...] a cartografia, diferentemente do mapa, é a inteligibilidade da paisagem em seus acidentes, suas mutações: ela acompanha os movimentos invisíveis e imprevisíveis da terra — aqui, movimentos do desejo —, que vão transfigurando, imperceptivelmente, a paisagem vigente (ROLNIK, 2011, p. 62).

A construção de uma cartografia que inclua outras visões e experiências além da representação cartesiana dos mapas passa, no contexto latinoamericano, pela inserção do aporte teórico decolonial⁵⁴. Tal teoria “pretende colaborar com a tarefa de desmontar a subjetividade do ser e do conhecimento construídos com base no eurocentrismo⁵⁵, formulado desde as experiências da Conquista e ao longo do processo de colonização” (NAME; CARRILLO, 2019, *online*). A decolonialidade, acionada à noção de território e contra a colonialidade do poder e a colonialidade de gênero, aponta que

Tais formulações referem-se a práticas e discursos opressores e violentos, inerentes à modernidade europeia, cujo pressuposto básico é uma classificação social que mescla os territórios a uma ideia de *raça* – por sua vez codificada como diferença étnica, antropológica, cultural ou nacional; e em interseção com uma organização diferencial em termos de classe, gênero e sexualidades. A colonialidade atua tanto hierarquizando as práticas dos processos políticos e econômicos em variadas escalas como as subjetividades e intersubjetividades entre pessoas e grupos; e produz uma ontologia sobre o mundo baseada numa racionalidade que, ainda que em verdade seja eurocêntrica, androcêntrica, patriarcal e *branco-burguesa*, apresenta-se como universal, o real e o normal – um discurso muitas vezes apoiado por representações cartográficas que silenciam minorias geo-historicamente instituídas (NAME; CARRILLO, 2019, *online*).

No âmbito das cartografias dissidentes, é comum a realização de deslocamentos entre campos de saberes diferentes para construção de outros olhares na Arquitetura e Urbanismo e assim “[...] flexionar não apenas o que projetamos, mas como projetamos, como pensamos o projeto e como entendemos a cidade e a sociedade” (PAGNAN, 2020, p. 224).

⁵⁴ “Suas análises apoiam-se em perspectivas de longa duração e na permanência de interseccionalidades entre ‘raça’, gênero, classe social e lugar: em processos objetivos, subjetivos e intersubjetivos da modernidade, que julgam inseparável do que chamam da colonialidade que geo-historicamente vêm promovendo violência e exclusão” (NAME; CARRILLO, 2019, *online*). Caso queira se aprofundar nessa temática, consultar o referencial teórico no artigo dos arquitetos.

⁵⁵ Caracterização do conhecimento produzido no centro hegemônico europeu como universal, enquanto o que é produzido e escrito em outras línguas não-hegemônicas como sendo saberes locais ou regionais (PORTO-GONÇALVES, 2005). A crítica ao eurocentrismo “[...] é uma crítica à sua *episteme* e à sua lógica que opera por separações sucessivas e reducionismos vários” (PORTO-GONÇALVES, 2005, p. 3).

Assim, não poderíamos deixar de pensar uma cartografia *queer*, como proposto por Preciado (2017, *online*) a partir de suas reflexões sobre a cartografia deleuziana-guattariana. “O *queer* é uma reflexão e uma práxis que coloca gênero, sexualidade, raça e outras marcas da diferença como elementos transversais da análise social, inscritas na corporalidade” (ALMEIDA, 2021, *online*). Desta forma,

Traçar uma cartografia *queer* requer enfatizar a maneira como o discurso, a representação e a arquitetura constroem o sujeito que é possível explicar, descrever ou acolher, em vez de construir um arquivo de discursos, representações e espaços produzidos pelas subculturas gays, lésbicas, transexuais ou transgênero (PRECIADO, 2017, *online*).

Tanto Tulio Carella (2011) como Bui da Silva (2021) utilizam da escrita para traçar suas próprias cartografias dissidentes. O tom confessional de Carella inspirou Silva a também seguir por esse caminho, em outra época, mas perpassando ainda pelos mesmos desejos. Dessa relação podemos inferir que é “[...] com o hábito de escrever os espaços que entenderemos tais escritores como cartógrafos de seus tempos” (AMORIM; OLIVEIRA, 2017, p. 1433).

Partindo disso, podemos pensar que “[...] escrever os espaços que habitamos pode-se configurar como um gesto de afetividade em direção a nossos espaços” (AMORIM; OLIVEIRA, 2017, p. 1433). Para tal é necessário um olhar mais apurado para as relações invisibilizadas que ocorrem no cotidiano, “basta que estejamos dispostos a encararmos e assumirmos as cidades como um outro” (AMORIM; OLIVEIRA, 2017, p. 1433).

Nessa construção dos nós não cartografados no mapa urbano da cidade do Recife, a cartografia dos desejos homoafetivos surge como um meio de representação movente, destacando a transitoriedade e os movimentos desviados na cidade. Produzindo assim “fissuras que acabariam por moldar mapas subversivos para os corpos dissidentes, imersos em uma cartografia inserida e invisível para a cidade normativa” (CHAUNCEY, 1994, p. 23 apud TEIXEIRA, 2013, p. 52, tradução do autor).

FISSURAS

“Constantemente eclipsadas, combatidas e mantidas invisíveis nas representações do *real*” (NAME; CARRILLO, 2019, *online*). É assim que visualizo as relações da sexualidade com o espaço público da cidade do Recife apesar das ações a nível municipal e estadual, desde o início do século XXI, que contribuíram, em certa medida, para uma garantia de cidadania à população LGBTQIA+.

Tais ações tangem muito mais medidas reparadoras (que são fundamentais) em detrimento ao não incentivo da ocupação dos espaços públicos e nem a preservação da memória dessa comunidade na cidade; a não ser que seja um evento/ação marcada pela efemeridade, como o caso das Paradas do Orgulho e o Carnaval. Apesar disso, a cidade do Recife apresenta avanços e demonstra ações de manutenção e ampliação dos serviços de inclusão ofertados.

Temos na cartografia um dispositivo possível de aproximação de nossas cidades, de reconhecimento das nossas próprias complexidades refletidas nos lugares onde habitamos e transitamos. Por isso, a condução deste tema em direção aos aportes da cartografia, foi também atravessado pelas memórias, corpos, desejos e sexualidades na ocupação dos espaços públicos ao longo do tempo estabelecido.

Em uma tentativa de provocar deslocamentos na representação tradicional cartográfica, o que foi exposto como uma cartografia dos desejos homoafetivos recifenses tenta “representar o espaço amalgamado ao tempo e, mais ainda, visibilizar os corpos subalternizados” (NAME; CARRILLO, 2019, *online*). Desta forma, propusemos a inserção do discurso contra-hegemônico aplicado à representação gráfica que vai de encontro à colonialidade da cartografia tradicional.

A cartografia demonstrou que os corpos dissidentes “constroem espaços reinventados para se expressarem em meio aos espaços demarcados sob os signos de exclusividade de uso pelos grupos hegemônicos” (SOUZA, 2011, p. 10). Por outro lado, Souza (2011, p. 10) aponta que as “memórias subterrâneas esperam as conjunturas político-sociais oportunas para ocupar o espaço público”.

Mais de 50 anos separam os caminhos percorridos por Carella, Silva e os meus, mas Recife continua o mesmo; transborda-se desejos pelas margens do rio Capibaribe e nos becos estreitos da Boa Vista e centro da cidade. “Nos botecos, nas calçadas apinhadas de camelôs, nos parques, no cais [...] e nos banheiros públicos, sempre havia maricas e bofes sedentos por uma cópula rápida. Mudaram os personagens, mas o frege era o de sempre” (SILVA, 2021, 149).

Ainda que não tenha sido possível acolher e contemplar todas as sugestões que me foram dadas ao longo do processo de construção desse trabalho como: a identificação dos lugares em que houveram fissuras permanentes a partir dos seus usos; englobar um glossário ao trabalho; me aprofundar nas relações espaciais e temporais de cada interlocutor - isso não exclui a possibilidade de explorar essas e outras questões em etapas posteriores a esse Trabalho Final de Graduação.

Sigo para proporcionar uma valorização das a(fe)tivações de desejos, lugares e memórias dissidentes. No âmbito pessoal, recordar e poder aprofundar mais um outro olhar para a minha cidade natal me satisfaz como bom baírrista que todo pernambucano e recifense é! À nível profissional, (re)significar conceitos e dar um primeiro passo na construção de outros saberes que alicerçam a extensa jornada de quem se dedica aos estudos das sexualidades dissidentes e o espaço urbano no campo da Arquitetura e Urbanismo.

O processo de construção da cartografia foi fundamental para explicitar as histórias que são narradas pelos interlocutores e que - particularmente - me atravessam. Isso tudo voltado à noção de território e pertencimento, que são muito caras à comunidade LGBTQIA+. Ao que antes era relegada à marginalidade, torna-se possível, nas histórias homoafetivas que foram reveladas demonstrar como as dissidências podem compor outras perspectivas de futuro rumo à cidades mais justas (no dissenso).

Além disso, valorização da memória LGBTQIA+ na cidade do Recife passa diretamente pelo reconhecimento de uma vida urbana que não seja só a marcada pelas violências e sim pelos desejos, onde gênero, raça, sexo e corpo são “[...] importantes dispositivos de análise urbana e social, pois inserem marcadores de diferenças, ou seja, expõe que esses sujeitos experimentam o espaço de modos diferentes” (PAGNAN, 2020, p. 221-222).

Aos espaços aqui tratados foram atribuídos alguns significados pelos corpos dissidentes no contexto da produção de fronteiras, aproximações e sentimentos de pertencimento relacionados a esses lugares. Paola Jacques já apontava que “são as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são [as] experiências do espaço pelos habitantes [...] que reinventam esses espaços no seu cotidiano” (JACQUES, 2008, *online*). Isso para mim é mais valioso do que dar conta de todos os possíveis itinerários desejantes da cidade.

Enxergo que as tensões provocadas pelo meu trabalho contribuem para a crítica aos entendimentos hegemônicos sobre o espaço urbano. Algo que fica “fissurado” são as distintas formas de se observar as dinâmicas da cidade e que como isso influencia na historicidade que é contada e vivenciada no cotidiano por corpos dissidentes. Por fim, ratifico que os conjuntos

de lugares aqui retratados não correspondem à totalidade dos espaços de desejo e sociabilidades LGBTQIA+ na cidade, ficando ainda em aberto um amplo campo de investigação, debates e contribuições que possa ser feita de forma coletiva.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó (SC): Editora Argos, 2009.

AHMED, Sara. **Queer Phenomenology: orientations, objects, others.** Durham: Duke University Press, 2006. 235 p. Disponível em: <https://pt.br1lib.org/book/3700260/8d7de8>. Acesso em: 05 jul. 2022.

ALMEIDA, Vinicius Santos. **Proposta de cartografia queer a partir do mapeamento da violência aos corpos dissidentes das normas sexuais e de gênero em São Paulo.** 2020. 273 p. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-04032020-154531/pt-br.php#:~:text=Proposta%20de%20cartografia%20queer%20a,violência%20aos%20corpos%20dissidentes...&text=Propomos%20aqui%20um%20olhar%20a,na%20heterossexualidade%20e%20na%20cisgeneridade>. Acesso em: 5 abr. 2022.

_____. Mapeamento da violência motivada por discriminação à identidade de gênero e sexualidade no município de São Paulo: uma metodologia cartográfica na investigação de geografias invisíveis. **Confins, Online**, ed. 53, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.43405>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/43405>. Acesso em: 26 maio 2022.

AMORIM, Rafael; OLIVEIRA, Dinah de. A escrita afetiva como método de cartografia do território urbano, In Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26º, 2017, Campinas. **Anais do 26º Encontro da Anpap.** Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p. 1431-1447. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/PA/26encontro_____AMORIM_Rafael_OLIVEIRA_Dinah_de.pdf. Acesso em: 4 maio 2022.

ANTIGAMENTE, Recife de. Ponte Buarque de Macedo. Recife: *Facebook*, ~1960. **Fotografia.** Disponível em: <https://www.facebook.com/recantigo/posts/3183940658413129>. Acesso em: 25 maio 2022.

_____. Grande Hotel - Acervo Antônio Oliveira. Recife: *Facebook*, ~1950. **Fotografia.** Disponível em: <https://www.facebook.com/recantigo/posts/3159378977535964>. Acesso em: 25 maio 2022.

ARAÚJO, Flavia de Sousa. **Das táticas de insistências urbanas e outros enosamentos no que se diz identidade e cidade Belém-Pará-Amazônia.** 2015. 223 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Planejamento Urbano e Regional, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/42/teses/832019.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2022.

_____. **Entre portais do espetáculo e portas do cotidiano sobre as águas do Guamá:** cartografando processos construtivos de subjetivação no Jurunas, Belém-PA. 2008. 168 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <http://www.laboratoriourbano.ufba.br/?pesquisas=mestrado-36>. Acesso em: 09 jun. 2022.

_____. Sobre ações de Insistência e outros nós ou como rasurar identidade e cidade: construindo um textograma em Belém-Pará-Amazônia. **Ayvu: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 3, ed. 1, p. 63-84, 31 dez. 2016. DOI <https://doi.org/10.22409/ayvu.v3i1.22209>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ayvu/article/view/22209>. Acesso em: 29 abr. 2022.

BARROS, Sandra Augusta Leão. A escala bairro e o conceito de lugar urbano: o caso de apipucos e poço da panela no recife. **Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Fauusp**, [s.l.], n. 15, p. 56, 1 jun. 2004. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v0i15p56-74>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43372/46994>. Acesso em: 05 jul. 2022.

ARAÚJO, João. **Johnny Hooker ao vivo Rec-Beat 2018**. *Youtube*. 13 fev 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mh53mFrXIdg>. Acesso em: 7 jul 2022.

BENETTI, Fernando José. **A Bicha Louca está Fervendo**: uma reflexão sobre a emergência da teoria queer no brasil (1980 - 2013). 2013. 175 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/37164101/A_Bicha_Louca_est%C3%A1_Fervendo_uma_reflex%C3%A3o_sobre_a_emerg%C3%AAncia_da_Teoria_Quer_no_Brasil_1980_2013_. Acesso em: 05 jul. 2022.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 13 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 246 p. Disponível em: <https://pt.br1lib.org/book/16813102/5ece6c>. Acesso em: 04 maio 2022.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. 147 p. Disponível em: https://monoskop.org/images/e/e8/Bourdieu_Pierre_Quest%C3%B5es_de_Sociologia_2003.pdf. Acesso em: 24 maio 2022.

BRASIL, Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3)**. Brasília: SEDH/PR, 2009. Disponível em: <https://direito.mppr.mp.br/arquivos/File/PNDH3.pdf>. Acesso em: 25 maio 2022.

BRECHA. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/brecha/>. Acesso em: 22 jul 2022.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. 172 p. Disponível em: <https://bit.ly/31B7FVM>. Acesso em: 23 maio 2022.

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. *In*: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 110-125. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30353576.pdf>. Acesso em: 05 jul 2022.

_____. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York and London: Routledge, 1990. Edição Brasileira: **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Disponível em: <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2017/08/butler-problemas-do-gecc82nero.pdf>. Acesso em: 8 jul 2022.

CACCIARI, Massimo. **A cidade**. São Paulo: Editora GG, 2010. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3882931/mod_resource/content/1/CACCIARI%20%20M.%20A%20Cidade.pdf. Acesso em: 8 jul. 2022.

CARELLA, Tulio. **Orgia**: Os Diários de Tulio Carella, Recife, 1960. Trad. Hermilo Borba Filho. Introdução e notas: Alvaro Machado. São Paulo: Opera Prima, 2011.

CAVALCANTE NETO, Euclides Rocha; ARAÚJO, Flavia de Sousa. Pelo direito ao aparecimento: Percursos e f(r)estas das Paradas LGBTI+ em Maceió-AL. In: IRINEU, Bruna Andrade *et al.* **Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero**: saberes plurais e resistências. 1. ed. Campina Grande: Realize, 2021. v. 2, p. 1476-1489. ISBN 978-65-86901-35-1. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/75235>. Acesso em: 17 abr. 2022.

CAVALCANTI, Carlos Bezerra. **O Recife e seus bairros**. 6. ed. Camaragibe: CCS Gráfica e Editora, 2013. 400 p.

CORTÉS, José Miguel G. **Políticas do espaço**: arquitetura, gênero e controle social. 10. ed. São Paulo: Senac, 2008. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/5v81ns0>. Acesso em: 05 maio 2022.

CERULLO, Flávia Campos; SILVA, Maria Angélica da. Recife em mapas: uma visão do século XVII. In: Reunião Anual da SBPC, 56^a, 2004, Cuiabá. **Anais [...]**. Cuiabá: [s. n.], 2004. Disponível em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/56ra/banco_senior/RESUMOS/resumo_957.html. Acesso em: 25 maio 2022.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998. 184 p. Disponível em: <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/deleuze-gilles-parnet-claire-dialogos.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2022.

DIA Nacional do Orgulho Gay: Centro Estadual de Combate à Homofobia oferece atendimentos gratuitos. **Diário de Pernambuco**, Recife, 25 mar 2022. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2022/03/dia-nacional-do-orgulho-gay-centro-estadual-de-combate-a-homofobia-of.html>. Acesso em: 9 jun 2022.

EMPETUR, Secretaria de Turismo de Pernambuco. **Guia GLS Pernambuco**: um estado de felicidade. 2011. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/BlogdeJamildo2/secretaria-de-turismo-de-pernambuco-lana-guia-gls>. Acesso em: 03 maio 2022.

FEITOSA, Cleyton. Políticas públicas LGBT no Brasil: um estudo sobre o Centro Estadual de Combate à Homofobia de Pernambuco. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, [S.L.], n. 32, p. 90-118, ago. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.32.06.a>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/PCnbLPz5FdVmDKDMqFLZxCy/?lang=pt>. Acesso em: 02 maio 2022.

FERREIRA, C; VENÂNCIO, W; SÁ, L. Mapa de Localização do Município de Recife, estado de Pernambuco e Brasil. Recife, 2017. Base digital vetorial. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Mapa-de-Localizacao-do-Municipio-de-Recife-estado-de-Pernambuco-e-Brasil_fig2_321951578. Acesso em: 17 dez. 2021.

FISSURA. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/fissura/>. Acesso em: 22 jul 2022.

FONSECA, C. F. da; BRITTO, P. D. Políticas de subjetivação e cartografias: liminaridades entre o real e o hiper real na cidade contemporânea. **VIRUS**, São Carlos, n. 8, dezembro 2012. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus08/?sec=4&item=5&lang=pt>. Acesso em: 21 Jul. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes. 1987.

FRANÇA, Inácio. Prefeito envia projeto de lei para criar Conselho Municipal LGBTQIA+ no Recife. **Marco Zero**. Recife. 26 abr. 2022. Disponível em: <https://marcozero.org/prefeito-envia-projeto-de-lei-para-criar-conselho-municipal-lgbtqia-no-recife/>. Acesso em: 2 maio 2022.

FRESTA. *In*: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/fresta/>. Acesso em: 22 jul 2022.

GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. 3. ed. Porto Alegre: Brasiliense, 1981. 230 p. Disponível em: <https://filopol.milharal.org/files/2015/05/GUATTARI-F.-Revolu%C3%A7%C3%A3o-molecular.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2021.

GUIA Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife. Direção de Leo Falcão. Roteiro: Leo Falcão; Fernando Weller. Recife: Ruptura Cinematográfica e Caradecção Filmes, 2008. (70 min.), son., color. Disponível em: <http://cinematecapernambucana.com.br/filme/?id=3306>. Acesso em: 4 maio 2022.

GUIYA, Editora. **Guia Gay Recife**: ago/out. 2013. 1ª edição. Disponível em: https://issuu.com/guiya-editora/docs/guia_gay_recife_1. Acesso em: 25 maio 2022.

_____. **Guia Gay Recife**: dez/13 - fev/14. 2014. 2ª edição. Disponível em: <https://issuu.com/guiya-editora/docs/guia-gay-recife-2-gay-guide-recife>. Acesso em: 25 maio 2022.

_____. **Guia Gay Recife**: nov/14 - jan/15. 2015. 3ª edição. Disponível em: <https://issuu.com/guiya-editora/docs/guia-gay-recife-3-recife-gay-guide>. Acesso em: 25 maio 2022.

_____. **Guia Gay Recife**: jul/out. 2016. 4ª edição. Disponível em: https://issuu.com/guiya-editora/docs/guia_gay_recife_2016_1_gay_guide. Acesso em: 25 maio 2022.

GONÇALVES, Felipe Pereira. **Invisibilidade Queer**: uma análise da lógica da dinâmica e morfologia urbana dos empreendimentos LGBT noturnos da cidade do Recife. 2017. 106 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: https://issuu.com/olegarium/docs/invisibilidade_queer_felipe_gon_alv. Acesso em: 20 ago. 2020.

GORINI, Paula. Corpos dissidentes: Perspectivas de gênero e sexualidade na construção de um corpo político. *In*: ENECULT: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, XV., 2019, Salvador. **Encontro** [...]. Salvador: [s. n.], 2019. Disponível em:

<http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111651.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2022.

G1 (Pernambuco). **Recife tem maior desigualdade entre capitais em 2019 e PE fica em terceiro no país em concentração de renda, diz IBGE**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/11/12/recife-tem-maior-desigualdade-entre-capitais-em-2019-e-pe-fica-em-terceiro-no-pais-em-concentracao-de-renda-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 05 jul. 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990. 189 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf. Acesso em: 05 jul. 2022.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. Vol. I e II. (1ª ed. em alemão 1927).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Perfil dos Estados Brasileiros**: Pesquisa de Informações Básicas Estaduais 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2020a. 80 p. ISBN 978-65-87201-35-1. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101769.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2022.

_____. **Perfil dos Municípios Brasileiros**: Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2020b. 94 p. ISBN 978-65-87201-36-8. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101770.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2022.

JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (org). **Por que gritamos golpe?**: para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016. 194 p. Disponível em: <https://sintesc.org.br/files/1081/Texto%201%20Porque%20Gritamos%20Golpe.pdf>. Acesso em: 05 maio 2022.

JABLONSKY, Tibor. **Rua da Imperatriz em Recife Recife**: IBGE, 1957. **Fotografia**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=411397&view=detalhes>. Acesso em: 25 maio 2022.

JACQUES, Paola Berenstein. **Corpografias urbanas**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 093.07, **Vitruvius**, fev. 2008. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Acesso em: 03 jul 2022.

LABORATÓRIO TOPOGRÁFICO DE PERNAMBUCO (Pernambuco). **Cartografia Histórica**: mapa da cidade do Recife/PE de 1956. Mapa da Cidade do Recife/PE de 1956. 1956. Disponível em: <https://www.labtopope.com.br/cartografia-historica/>. Acesso em: 25 maio 2022.

LACERDA, Thiago William Felício. **A Parada LGBT e os espaços públicos**: a afirmação da diversidade sexual em Campinas. 2013. 153 f. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias, PUC-Campinas, 2013. Disponível em: <http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/16177>. Acesso em: 05 jul 2022.

DIAS, L.; LEITE, J. Cidade e Performatividade: Rupturas Normativas no Espaço Público Informal — Um Estudo de Caso na Cidade do Recife, Brasil. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 61-81, 2021. DOI: 10.21814/rlec.3198. Disponível em: <https://rlec.pt/index.php/rlec/article/view/3198>. Acesso em: 18 out. 2021.

LGD, Laboratório Gráfico Desviante. **Cidade Queer**. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <http://www.lgdesviante.org/cidadequeer.html#section5>. Acesso em: 09 jun 2022.

LOUREIRO, Claudia; AMORIM, Luiz. O mascate, o bispo, o juiz e os outros: sobre a gênese morfológica do Recife. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, [S.L.], v. 1, n. 3, p. 19-38, 30 nov. 2000. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR). <http://dx.doi.org/10.22296/2317-1529.2000n3p19>. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/44/30>. Acesso em: 22 maio 2022.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, [s.l.], v. 22, n. 3, p. 935-952, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2014000300013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqznb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 jul. 2022.

MACRAE, Edward. **Em Defesa do Gueto**. In: Novos Estudos CEBRAP. Vol. 2, nº 1, abril de 1983. São Paulo. CEBRAP. 2013. p. 53-60. Disponível em: <http://www.giesp.ffch.ufba.br/Textos%20Edward%20Digitalizados/3.pdf>. Acesso em: 25 maio 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola, 2008. 177 p. Tradução Sírio Possenti.

MARTINS, Roberto. **Lolita, de Recife**: uma das maiores lendas urbanas do Brasil. Uma das maiores lendas urbanas do Brasil. 2010. Disponível em: <http://bobmartins.blogspot.com/2010/03/lolita-de-recife-uma-das-maiores-lendas.html>. Acesso em: 05 jul. 2022.

MKB, Meu Kaso Boate. MKB. Recife: *Facebook*, 2013. **Fotografia**. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=471432859628973&set=a.471432832962309>. Acesso em: 7 jul 2022.

NAME, Leo; CARRILLO, Oswaldo Francisco Freitez. Cartografias alternativas decoloniais: Gênero, sexualidades e espaços em uma universidade em área transfronteiriça. **Arquitextos ISSN: 1809-6298**, São Paulo, ano 20, ed. 230.02, 2019. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/20.230/7478>. Acesso em: 6 abr. 2022.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, jul. 1993. ISSN 2176-2767. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 04 maio 2022.

PAGNAN, Redson. Cartografias dissidenes: corpo, sexo, gênero e discurso como dispositivos de mapeamentos de resistências e categorias de análise sociais urbanas. **Diálogos Pertinentes**, [s.l.], v. 16, n. 2, p. 214-230, 30 dez. 2020. Cruzeiro do Sul Educacional. <http://dx.doi.org/10.26843/dp.v16i2.3652>. Disponível em: <https://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/view/3652>. Acesso em: 27 out. 2021.

PAOLI, Maria Célia. **Memória, história e cidadania: o direito ao passado**. In. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992, p. 25-28. Disponível em: <http://gpaf.info/dtd/ArqPerm/MCPaoli.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2022.

PARTICULAR, um olhar / Recife e Olinda. Coluna de Cristal no Parque das Esculturas e detalhe das edificações verticais ao fundo. Recife: *Facebook*, 2021. **Fotografia**. Disponível em: <https://www.facebook.com/Umolharparticular/photos/a.2205732256210883/4323785317738889/>. Acesso em: 8 jul 2022.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê**: A prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Perseu Abramo, 1987. 81 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/3516?show=full>. Acesso em: 05 maio 2022.

PERNAMBUCO. Conselho Estadual dos Direitos da População LGBT de Pernambuco. Secretaria de Justiça e Direitos Humanos. **Plano Estadual de Promoção dos Direitos da População LGBT de Pernambuco**: Pernambuco da Diversidade 2017-2019. Recife: S/ Ed., 2018. 26 p. Disponível em: https://www.sdscj.pe.gov.br/wp-content/uploads/2020/07/Plano_Estadual_de_Promocao_dos_Direitos_da_Populacao_LGBT_de_Pernambuco.pdf. Acesso em: 02 maio 2022.

PERNAMBUCO, Secretaria de Defesa Social de. **Números de vítimas de crimes identificadas como sendo do grupo LGBT em Pernambuco – JAN2019 a MAR2021**. [s.l.], 2021. Disponível em: https://marcozero.org/wp-content/uploads/2021/05/Relato%CC%81rio-no-375.2020-GACE_SDS-3.pdf. Acesso em: 17 dez. 2021.

PERNAMBUCO, Carnaval em. Recife: G1 - Marlon Costa/Pernambuco Press, 2020. **Fotografia**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/carnaval/2020/noticia/2020/02/22/galo-da-madrugada-leva-frevo-e-fantasia-curiosas-as-ruas-recife-fotos.ghtml>. Acesso em: 25 maio 2022.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos: Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 14 abr. 2022.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Apresentação da edição em Português. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Colección Sur Sur, 2005. Cap. 1. p. 3-5. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/educacaodocampocfp/images/Edgardo-Lander-org-A-Colonialidade-do-Saber-eurocentrismo-e-ciencias-sociais-perspectivas-latinoamericanas-LIVRO.pdf>. Acesso em: 26 maio 2022.

PRECIADO, P. B. “Cartografias ‘Queer’: O ‘Flâneur’ Perverso, A Lésbica Topofóbica e A Puta Multicartográfica, Ou Como Fazer uma Cartografia ‘Zorra’ com Annie Sprinkle”. **eRevista Performatus**, Inhumas, ano 5, n. 17, jan. 2017. ISSN: 2316-8102. Disponível em: <https://performatus.com.br/traducoes/cartografias-queer/>. Acesso em: 05 jul 2022.

PUCINELLI, Bruno. Como Encontrar um “Gueto Gay”: possibilidades analíticas de uma expressão controversa. **Gênero na Amazônia**, Belém, v. 6, n. 1, p. 165-182, jul. 2014. Disponível em: http://www.generonaamazonia.com/edicoes/edicao-6/artigos/8_Como_Encontrar_um_Gueto_Gay.pdf. Acesso em: 25 maio 2022.

_____. **Lubricidade**. São Paulo, 7 p., 2022.

QUINALHA, Renan. **A importância do fervero para a comunidade LGBTQIA+ | Fervero Conference**. Youtube, 02 set 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3I7OONQZxc4>. Acesso em: 25 maio 2022.

RAMOS, Silvia; CARRARA, Sérgio. A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 16, n. 2, p. 185-205, 2006. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312006000200004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/SXSFnDMKdGHG5yYTDyGLTwG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 jul. 2022.

RECIFE, Prefeitura da Cidade do. **PCR inaugura ambulatório LGBT na Policlínica Lessa de Andrade**. 2017. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/16/11/2017/pcr-inaugura-ambulatorio-lgbt-na-policlinica-lessa-de-andrade>. Acesso em: 02 maio 2022.

_____. **PCR lança plataforma digital para denúncias de LGBTFobia**. 2018. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/16/05/2018/pcr-lanca-plataforma-digital-para-denuncias-de-lgbtfobia>. Acesso em: 02 maio 2022.

_____. **Prefeitura do Recife celebra aniversário do Centro Municipal de Referência e Cidadania LGBTI+**. 2021a. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/27/08/2021/prefeitura-do-recife-celebra-aniversario-do-centro-municipal-de-referencia-e>. Acesso em: 02 maio 2022.

_____. **Prefeitura do Recife realiza a 1ª Semana Municipal de Luta contra a Homofobia**. 2021b. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/14/05/2021/prefeitura-do-recife-realiza-1a-semana-municipal-de-luta-contrahomofobia>. Acesso em: 02 maio 2022.

_____. **Ação itinerante com serviços para população LGBTI+ funcionará nesta segunda-feira (12) nas proximidades do Mercado São José**. 2021c. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/09/07/2021/acao-itinerante-com-servicos-para-populacao-lgbti-funcionara-nesta-segunda-feira>. Acesso em: 02 maio 2022.

_____. **Prefeitura do Recife realiza atividades comemoração aos 7 anos do Centro Municipal em Cidadania LGBT e em alusão ao Dia Nacional da Visibilidade Lésbica**. 2021d. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/06/08/2021/prefeitura-do-recife-realiza-atividades-comemoracao-aos-7-anos-do-centro>. Acesso em: 02 maio 2022.

_____. **Pernambuco terá destaque como destino turístico para o público gay durante a 29ª Convenção Anual Global da IGLTA**. 2012. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/11/04/2012/pernambuco-tera-destaque-como-destino-turistico-para-o-publico-gay-durante-29a>. Acesso em: 02 maio 2022.

_____. **Prefeitura anuncia programação completa do Carnaval 2020**. 2020. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/17/02/2020/prefeitura-anuncia-programacao-completa-do-carnaval-2020>. Acesso em: 02 maio 2022.

_____. **Sensibilização dos profissionais da rede de saúde do Recife marca lançamento da Política municipal LGBT**. 2014. Disponível em:

<http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/26/09/2014/sensibilizacao-dos-profissionais-da-rede-de-saude-do-recife-marca-lancamento-da>. Acesso em: 02 maio 2022.

RECIFE, Secretaria de Turismo e Lazer do. **Guia Recife+**. 2021e. Disponível em: <https://visit.recife.br/download/guia-recife+.pdf>. Acesso em: 03 maio 2022.

RECIFE. Prefeitura da Cidade do. Secretaria de Desenvolvimento Social, Direitos Humanos, Juventude e Políticas sobre Drogas. **Guia de Cidadania LGBT**. 3. ed. Recife, 2019. Disponível em: https://www2.recife.pe.gov.br/sites/default/files/cartilha_guia_de_cidadania_lgbt_2019.pdf. Acesso em: 25 maio 2022.

REDAÇÃO. **Lolita, de Recife**: uma das maiores lendas urbanas. Uma das maiores lendas urbanas. 2021. Blog Ricardo Antunes. Disponível em: <https://ricardoantunes.com.br/lolita-de-recife-uma-das-maiores-lendas-urbanas/>. Acesso em: 05 jul. 2022.

RIBEIRO, A. C. **Dança dos sentidos**: na busca de alguns gestos. *In*: JACQUES, P. B.; BRITTO, F. D. (org.). *Corporidade: debates, ações e articulações*. Salvador: EDUFBA, 2010, p. 24-41. Disponível em: http://www.corporidade.dan.ufba.br/2010/LIVRO_CORPORIDADE.pdf. Acesso em: 7 jul 2022.

RISLER, Julia; ARES, Pablo. **Manual de mapeo colectivo**: recursos cartográficos críticos para procesos territoriales de creación colaborativa. Buenos Aires: Tinta Limón, 2013. 84 p. Disponível em: https://geoactivismo.org/wp-content/uploads/2015/11/Manual_de_mapeo_2013.pdf. Acesso em: 8 jul. 2022.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2011. 247 p. Disponível em: <https://pt.br1lib.org/book/5637881/d59da8>. Acesso em: 1 dez. 2021.

_____. GUATTARI, Félix. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 324 p. Disponível em: <https://pt.br1lib.org/book/18260525/29df4f>. Acesso em: 1 dez. 2021.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003. 210 p. Disponível em: <https://liviafloreslopes.files.wordpress.com/2014/11/sennet-carne-e-pedra.pdf>. Acesso em: 04 maio 2022.

SILVA, Bui da. **Três rapazes e um quarto**. Recife: Viseu, 2021. 228 p. ISBN 9786559851546.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. O memorial no espaço da formação acadêmica: (re)construção do vivido e da identidade. **Perspectiva**, [S.L.], v. 28, n. 2, p. 601-624, 14 jul. 2010. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795x.2010v28n2p601>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2010v28n2p601/18450>. Acesso em: 04 maio 2022.

SILVA, Vinicius Alves da. O Fervo, a Diversidade Sexual e de Gênero e a Pedagogia da Prevenção. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [S.L.], v. 1, n. 4, p. 163-191, 11 jan. 2019. Pimenta Cultural. <http://dx.doi.org/10.31560/2595-3206.2018.4.9204>.

Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/9204>. Acesso em: 25 maio 2022.

SOUZA, Sérgio Luiz de. Outras memórias, outras histórias: da invisibilidade social à multiplicidade do vivido. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXVI.*, 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: [s. n.], 2011. p. 1-12. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300874730_ARQUIVO_TEXTOANPUH2011-OUTRASHISTORIASOUTRASMEMORIAS.pdf. Acesso em: 12 abr. 2022.

TAVARES, R. B., BONADIO, M. G. Ao encontro do corpo: teorias da performatividade para um debate diferencial sobre espaço urbano. **Revista brasileira de estudos urbanos e regionais**. v. 23, E202115, 2021. DOI 10.22296/2317-1529.rbeur.202115. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeur/a/RWGWbyGyBVCdNs4pXh7YYVw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 jul 2022.

TÁVORA, Maria das Vitórias Matoso. **É dos sonhos dos homens que uma cidade se inventa: a poesia de Carlos Pena Filho**. 2004. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7963/1/arquivo8319_1.pdf. Acesso em: 8 jul. 2022.

TEIXEIRA, Marcelo A. de A. **Presença Incômoda: corpos dissidentes na cidade modernista**. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/14372>. Acesso em: 1 dez. 2021.

TESTONI, Marcelo. **Sapatão, bicha, viado: possíveis motivos para chamarem LGBTs assim**. 2019. Colaboração para Universa Uol. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/04/24/sapatao-bicha-viado-os-motivos-possiveis-para-chamarem-lgbts-assim.htm>. Acesso em: 04 maio 2022.

TRAVESSA de São Pedro / Beco do Veado Branco. Recife: Villa Digital Fundaj, 1940. **Fotografia**. Disponível em: <https://www.facebook.com/recantigo/photos/travessa-de-são-pedro-beco-do-veado-brancobenício-dias-villa-digital-fundaj1940m/2153058814834657/>. Acesso em: 25 maio 2022.

TRAVESTIVIVA. **Lolita, travesti tão conhecida no Recife dos anos 70 que se ouvia falar: "quem não conhece Lolita, não conhece o Recife"** [...]. Recife, PE, 22 abr 2022. Twitter: @travestiviva. Disponível em: <https://twitter.com/travestiviva/status/1517567959241306114>. Acesso em: 05 jul 2022.

VAN SWAAIJ, Louise; KLARE, Jean. **Atlas da Experiência Humana**. São Paulo: Publifolha, 2004. 96 p.

WACQUANT, Loïc. Que é gueto? Construindo um conceito sociológico. **Revista de Sociologia e Política**, [S.L.], n. 23, p. 155-164, nov. 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-44782004000200014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/RLVYZrzFXcfYpvmGn8r76zK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 maio 2022.